

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

CAROLINA DATRIA SCHULZE

**GEOGRAFIAS DE UMA CIDADE NÃO VISTA:
composições e cartografias andarilhas por moradores de rua**

FLORIANÓPOLIS, SC

2015

CAROLINA DATRIA SCHULZE

**GEOGRAFIAS DE UMA CIDADE NÃO VISTA:
composições e cartografias andarilhas por moradores de rua**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Dra. Ana Maria Hoepers Preve

FLORIANÓPOLIS, SC

2015

CAROLINA DATRIA SCHULZE

**GEOGRAFIAS DE UMA CIDADE NÃO VISTA:
composições e ocupações do espaço urbano por moradores de rua**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do grau de bacharel em Geografia, no Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação / FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Banca examinadora

Orientadora:

Professora Doutora Ana Maria Hoepers Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

Professora Doutora Karen Rechia
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro:

Professora Mestra Karina Rousseng Dal Pont
Universidade do Estado de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 25/06/20015

Para aqueles por quem meu coração sempre bate
feliz ao ver: José César, Denise e Mariana.

Para aqueles que fazem da rua sua morada e criam
para si novas cidades.

AGRADECIMENTOS

Não se constrói um caminho sozinho. A construção se dá com o outro, se dá nos encontros. Ao longo desses anos de graduação, pude vivenciar diversos encontros que deixaram sua marca em mim e que me ajudaram nessa composição. Com toda certeza, esse trabalho seria muito mais difícil sem esses atravessamentos, por isso, agradeço imensamente todos que de alguma forma contribuíram para minha construção acadêmica e para a elaboração dessa pesquisa.

Aos meus pais, por me ensinarem a voar em busca dos meus sonhos. Não existem palavras capazes de dimensionar minha gratidão e a importância de vocês na minha vida. O carinho que vocês me dedicam é minha inspiração para tudo o que faço. Amo vocês do tamanho do universo!

À minha irmã e melhor amiga. Contigo aprendi o significado da palavra cumplicidade. Você me dá segurança para traçar meus caminhos, pois sei que sempre posso contar com teu apoio incondicional. Meu amor por ti é maior que tudo!

À Ana, exemplo de professora que um dia quero ser. Obrigada por acreditar em mim e por me possibilitar encontros tão fortes e enriquecedores. Que este seja apenas um de muitos trabalhos em parceria.

Às queridas professoras da banca: Karen e Karina, pela leitura do trabalho e também por serem constantes fontes de inspiração.

Aos professores do Departamento de Geografia por todos esses anos de aprendizagem, especialmente à minha eterna tutora Vera Dias.

Aos colegas da geografia, estágio, PET e Lepegeo, em especial: Ana Paula, Raphael, Morgana, João, Samuel, Wesley, Angel, Lucas, Giovani, Yasmim, Marina, Gabriel, Willian.

Ao meu grande companheiro de outras cartografias Danilo, pela amizade e devaneios.

Aos amigos de longe e de perto: Átila, Bia, Brunão, Joana, Julia, Andressa, Anna, Pulga, Rafael, Maicon, André, Tarsilla, Kellyn; vocês são minha constelação mais preciosa.

À Laura, por me mostrar um jeito mais leve de levar a vida. Quando entrei na geografia não fazia ideia de que ganharia uma linda joia em forma de amizade como presente. Mesmo que agora estejas distante fisicamente, sei que sempre estás na torcida por mim.

À Maria Maria, uma flor em forma de amiga. Obrigada por todo apoio e amizade sincera, vou levar para a vida nossas conversas, cafés e risadas. E também Marieli, Rafael e Pedro, por todos debates políticos, pelas cervejas e tapiocas.

À toda minha família, mas principalmente: Thiago, que faz a minha irmã sorrir; Ingrid e Viviane, que me acolheram no início da faculdade e tantas outras vezes; e Rodrigo, primo e agora irmão mais velho.

E também à minha segunda família, aquela que a vida me presenteou e me possibilitou escolher: Daltro e Jussara; Daniela, Vladimir, Victória e Vitória; Iuri e Gabrielle; Karla e Maurício.

À toda equipe que trabalha no Centro POP de Joinville, por me receberem e possibilitarem o seguimento da segunda parte dessa pesquisa. Principalmente Jucélio, Marileide, Clodoaldo, Minéia, Neide e dona Tânia.

À rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” e ao grupo de pesquisa “Geografias de Experiência”, por todos os atravessamentos geográficos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UDESC), por me fornecer a bolsa da qual esse trabalho é parte dos seus desdobramentos.

E, principalmente, aos pacientes-internos e aos habitantes das ruas, que me mostraram as dores e as belezas da rua.

*Sólo viviendo absurdamente se podría romper
alguna vez este absurdo infinito.*

(Júlio Cortázar – Rayuela)

RESUMO

O texto apresenta os movimentos de uma pesquisa em educação e geografia que busca compreender de que forma moradores de rua constroem para si um lugar na cidade. Moradores de rua residem nos espaços mais impensáveis ao planejamento urbano. Quando planejadores pensam uma ponte ou um elevador para uma cidade pensam em um local de passagem que liga um lugar a outro, jamais na possibilidade desta ponte tornar-se uma morada. Tal fato gera um conflito entre a sociedade – que deseja a eliminação destes elementos indesejáveis – e os habitantes da rua – que, aos olhos da sociedade como um todo, afrontam as leis de controle social. O trabalho objetivou o encontro com essas vozes que, por sua vez, apresentam cidades não vistas. A partir de entrevistas com moradores e ex-moradores de rua, da produção de desenhos ao longo das entrevistas e da composição fotográfica feita pela autora foi possível colocar em movimento uma noção de aprendizagem e educação que passa ao largo da geografia acadêmica e escolar; bem como colocar em movimento a noção de cartografias andarilhas. Os desenhos e as fotografias foram definidos aqui como desenhos-mapa e fotografias-mapa que compõem dois atlas. Atlas por agregar no seu interior um conjunto de mapas que balançam, em alguma medida, as linhas cartesianas dos mapas oficiais e sua qualidade de verdade sobre um território representado. Os mapas produzidos e apresentados experimentam e exprimem, tal qual os moradores de rua, variações e mobilidades. Suas linhas têm densidade e são traçadas por seus movimentos vivos no território.

Palavras-chave: moradores de rua; aprendizagens de rua; desenho-mapa; fotografia-mapa; cartografia andarilha.

SUMÁRIO

Introdução [ou interesses]	10
Andança Errante I	23
Atlas: Cartografias Andarilhas I	45
Andança Errante II	56
Atlas: Cartografias Andarilhas II	78
Experiências do habitar a rua [ou considerações para pensar novas andanças]	91
Glossário	95
Lista de Siglas	96
Lista de Imagens	97
Referências	98
Apêndices	103
Anexos	105

INTRODUÇÃO [OU INTERESSES]

Compor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, pôr algumas pedras, umas passagens, umas saídas, criar umas ranhuras que possam, quem sabe, atrapalhar uma visão que era clara. E este é o plano de composição pelo qual se passeia.

(Silvio Ferraz – *Livro das sonoridades*)

Por onde começar? Este é um questionamento que nos persegue em todas pesquisas que fazemos, pois é difícil definir o exato momento que marcam seus inícios. Os começos se constroem, se desmancham e se reconstroem diversas vezes ao longo de uma pesquisa. Mas é preciso escrever, “escrever movidos por perguntas sem respostas, mapear para inventar espaços; melhor, para abrir no espaço outros espaços” (PREVE, 2010, p.4). É preciso escrever para poder enxergar o novo, para fazer surgir novos começos, para buscar um outro modo de dizer, para poder construir com o outro. Por mais desesperador que possa parecer um começo é necessário seguir adiante e assim, para darmos continuidade, devemos conduzir nosso olhar para a rua, mais do que isso, para o habitar a rua.

Moradores de rua constituem uma parcela populacional que, em função de inúmeras trajetórias de desvinculação social e econômica, passam a habitar os lugares mais recônditos e impensáveis ao imaginário coletivo e ao planejamento urbano: ruas, calçadas, marquises, praças, embaixo de pontes e viadutos. Locais habitualmente concebidos como de passagem, são esvaziados de seu sentido comum e passam a abrigar casas – que fogem do sentido burguês de casa como um lar, um lugar para viver em família formado por quadro paredes e um teto – e aqui o domínio público e privado tomam uma nova perspectiva.

Essas pessoas vivem em contínua oposição às estratégias políticas e econômicas que regem os códigos sociais e urbanos contemporâneos. A ausência de bens materiais e simbólicos e a fragilidade das relações sociais e afetivas, os coloca num incessante embate com os códigos sociais preponderantes que marcam as tradições identitárias convencionais (propriedade, família e trabalho).

São vistos por políticos, acadêmicos, instituições sociais, transeuntes como a forma mais visível e extrema de marginalização econômica e social. Mas, sobretudo, os moradores de rua são tidos como “fora do lugar”, desencaixados espacial e simbolicamente porque

sua visibilidade é traduzida como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano (FRANGELLA, 2009, p. 15).

Os motivos que levam um indivíduo a adotar a via pública como moradia são os mais diversos e complexos: violência doméstica, abuso de álcool e drogas, desemprego, assalto na chegada de uma nova cidade, desastre natural, perda de uma pessoa querida, desilusão amorosa. A visibilidade desses seres invisíveis é tanto uma ameaça, quanto um incômodo, pois eles nos lembram do quão frágil é a plenitude humana e que qualquer indivíduo é um morador de rua em potencial.

Todos os habitantes das vias, trilhas, caminhos da cidade – respeitada a heterogeneidade cultural e identitária de cada habitante das ruas, assim nomeados genericamente pela necessidade categórica da pesquisa – tem uma dinâmica própria de deslocamento errante nas cidades e estradas, podendo ser contínuo ou intermitente. Este trabalho, à sua maneira, também é fruto de deslocamentos nômades que o olhar para a rua proporcionou em mim. Tais deslocamentos são atravessados por leituras, andanças, cartografias e experiências de um modo de habitar a cidade que não é visto pelas forças político-turísticas. Busca-se mostrar o invisível, sua força e sua voz que grita silenciosa em meio ao caos irrestrito das cidades. É disso que se trata esse trabalho, de fazer aparecer o espaço urbano ocupado por aqueles que fazem das ruas local de moradia e a forma como esses indivíduos se compõe com as cidades em que vivem.

O trabalho realizado dá relevância ao que se passa nas ruas, contado por pessoas que nela construíram casas e as habitaram. Pode-se dizer que, com essas moradias, reinventaram uma cidade para si na malha estriada que as cidades, na atualidade, configuram. Tais residentes foram descartados das casas habituais, da lógica do consumo, das famílias estruturadas, do trabalho; são como os detalhes que sobram quando tudo isso desaba. Foram para rua e começaram com o que sobrou, com o que estava à mão.

Habitantes das ruas são considerados inúteis sob uma ótica utilitarista e do consumo. E é este aspecto que me coloca em movimento, para um aprender geográfico sobre moradas feitas por homens inúteis que criam para si – em meio ao campo útil e estriado das cidades – cidades inúteis, cidades invisíveis, mas que são capazes de lhes assegurar o que precisam para criar uma casa e traçar um território para si.

Antes de seguir, é preciso esclarecer que fiz uso dessa introdução para apresentar algumas escolhas metodológicas e conceituais que devem acompanhar o leitor ao longo de sua leitura.

Desse modo, essa sessão do trabalho apresenta subdivisões que organizam as noções epistêmicas nas quais me apoio.

DISPARADORES PARA A PESQUISA¹

Uma viagem começa numa biblioteca. Ou numa livraria. Misteriosamente, ela tem lugar ali, na claridade das razões antes escondidas no corpo. No começo do nomadismo, encontramos assim o sedentarismo das prateleiras e das salas de leitura, ou mesmo do domicílio onde se acumulam os livros, os atlas, os romances, os poemas, todas aquelas obras que, de perto ou de longe, contribuem para a formulação, a realização, a concretização de uma escolha de destino

(Michel Onfray – *Teoria da viagem*)

Duas produções audiovisuais e um depoimento trouxeram alguns motivos para começar esta pesquisa. Empreendo a partida apoiada nessa primeira visualização e apreensão do que move um viver a rua, na rua. Ao longo do percurso, me deparo com outros auxílios e, com eles, a possibilidade de pensar as moradas de rua como ocupações nas imensidões dos espaços abertos, ou dos espaços a céu aberto, que força o olhar a outros modos de ocupação do urbano.

Cena um: *Andarilho*. Pés descalços, roupas aos farrapos, barba comprida, um cigarro na boca sem alguns dentes. Essa é a imagem do andarilho que fala sobre Deus e espíritos, e que carrega uma sacola, feita de lona preta, com seus pertences. O andarilho percorre o manto negro do asfalto de uma estrada qualquer do país. Somente ele é o dono do seu rumo. Esta é a descrição das cenas iniciais do documentário de Cao Guimarães (2007). Filmado no nordeste de Minas Gérias, o documentário mostra a fusão entre homem e lugares de passagem, homem-paisagem. As cenas seguem e nos mostram estradas cruzadas por três andarilhos que, ora movendo-se em busca de um lugar para dormir, para se lavar, para preparar uma comida, ou uma ida em direção a um bar, sempre caminham porque caminhar é o que é preciso fazer, é o que basta. Carros e caminhões, outras pessoas atravessam a mesma estrada ignorando a presença desses homens, como se fossem invisíveis.

¹ Trecho adaptado de artigo feito em coautoria com a orientadora deste trabalho e publicado na Revista Geografares em edição especial. A este respeito cf. Schulze; Preve, 2014.

Cena dois: *Casa de Cachorro*. O som dos carros também é uma constante neste documentário dirigido por Thiago Villas Boas (2001) que se passa num determinado ponto da cidade de São Paulo, precisamente embaixo do viaduto da Ceagesp. Entre os ruídos de carros e latidos de cachorros, Thiago V. Boas percorre o interior das moradias de algumas das 58 famílias que, embaixo do viaduto, vivem da confecção e venda de casas de cachorro na beira da Via Anhanguera e que ali moram. A câmera de Villas Boas capta imagens carregadas dos sentimentos estampados na face de cada morador, e também é sutil ao mostrar o completo e profundo desrespeito que estas famílias sofreram ao terem suas casas, materiais e equipamentos confiscados pela Prefeitura de São Paulo em julho de 2000².

As imagens dos dois documentários citados poderiam ser em qualquer outra estrada ou em qualquer outra cidade, estado ou país. É fácil se deparar com cenas iguais ou similares às mostradas neles e, quando nos encontrarmos com elas, as ações mais comuns são as de ignorar ou julgar os seus protagonistas. Contudo, como seriam essas cenas vistas sob a ótica daqueles que caminham pelas estradas ou por quem vive embaixo da ponte? Como a cidade se mostra para esses sujeitos e de que forma as habitam? De quais cidades fala-se por aqui, através desses modos de habitar? Essa pesquisa quer saber das invenções de mundo e dos seus territórios, quer dizer das geografias que estes territórios põem em movimento e, ainda, de como essas invenções se pautam numa lógica não utilitarista de consumo com a qual estamos tão habituados.

Como outro ponto de partida, resgato um pequeno trecho de texto sobre um andarilho que esteve por um longo tempo confinado num Hospital de Custódia. Hélio³ inventou uma vida na rua, e na sua invenção um modo de habitar salta aos nossos olhos. Sem caminhos e sem paredes definidas, constrói uma casa que tem a ver com seu estilo. Ele gosta dos trânsitos e gosta de escrever nesse intervalo.

Cena três: Hélio, andarilho, roqueiro, filósofo, escritor, compositor.

Habitava terras abertas, sem portas, em prédios em construção. Uma vida vivida nos caminhos inventados de beira de estrada e praias. Suas composições se davam nesses trânsitos. O andarilho escolhe espaços, não habita lugares. Hoje, sua terra, “porto seguro” para alguns, é fechada, segura, medicada, policiada, com paredes que impedem horizontes. Os olhos do andarilho que antes percorriam espaços abertos esbarram nas

² Na época, Celso Pita era prefeito de São Paulo. A desmontagem das moradias, o confisco dos materiais e ferramentas e o deslocamento das famílias repercutiram negativamente, de modo que a prefeitura acabou por autorizar o retorno dos moradores ao local. Contudo, os materiais e os instrumentos de trabalho confiscados não foram devolvidos para os seus legítimos donos.

³ Nome fictício.

paredes de um manicômio judiciário, e ele se sente cada vez mais cansado. Com seus passos lentos e suas pernas fracas carrega debilitado o peso das grades. A cada dia esse peso aumenta, e a força animal da vida aberta desaparece como chama que o vento apaga. A instituição prisional e manicomial suga o brilho dessas vidas que acolhiam o inesperado. Os medicamentos distribuídos largamente como proposta de cura não fazem mais que controlar as forças animais e inventar docilidades de instituição. Hoje, o Andarilho que outrora percorrera longas distâncias se locomove devagar: anda para comer, para dormir, para tomar comprimidos, para dar conta dos simples movimentos corriqueiros do dia-a-dia numa instituição fechada. O andarilho, filósofo, escritor, poeta, roqueiro, como sempre se definiu, enfraquece; seus cadernos de poesias e pensamentos foram roubados (“uma grande perda na vida”, segundo ele), e, agora, sem conseguir escrever uma linha sequer, passa a maior parte do tempo trancado na enfermaria-cela prisional: “aqui não dá pra escrever.” Outro dia, pela segunda vez, me disse sem brilho e sem alegria, com a força de quem está quase se apagando: “estou indo embora”. Uma onda de tristeza. “Acharam um lugar pra mim, uma residência em J. Vou pra lá. Mas não vou poder voltar para aquela vida.” Sair, estar em liberdade, implica continuar tomando sua medicação e, todo mês, ir buscá-la num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ou num posto de saúde próximo ao seu bairro. (Andarilho tem bairro?). Um andarilho ocupa espaços, flutua neles, habita a imensidão da terra e desloca-se na intensidade dos movimentos dela... Fixo, preso a qualquer instituição, perde a saúde. A domesticação das forças não faz bem ao homem da terra aberta (PREVE, 2011, p. 81-82).

As velocidades da vida cotidiana nos levam a percorrer os lugares sempre da mesma maneira, olhando para as mesmas coisas, “[o] espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele” (SENNETT, 2001, p.17). Nessas velocidades, os detalhes de uma cidade nos escapam e topografias são anuladas e, com elas, as forças que sacodem os habitantes em seus lugares. Seguindo por essa perspectiva, as cidades, de longe, parecem iguais, o que me leva a retomar a pergunta que Pélbart (2000, p. 45) faz: “o quanto ela [a cidade] constitui um meio a ser explorado, o quanto ela se presta todavia a novos trajetos, a novos traçados de vida?”.

É PRECISO CAMINHAR PELA PESQUISA

Fazer a casa e não simplesmente tomar a casa como pronta, como casa abstrata. No plano de composição, diferente do plano de organização, não é preciso ter estado em casa antes para poder viver nela. No plano de composição, nada esteve ali, ele é sempre trilhado pela primeira vez. [...] No plano de composição não há caminho: o caminho se faz ao caminhar

(Silvio Ferraz – *Livro das Sonoridades*)

Um dos principais preparativos em uma viagem é a organização da mala, é preciso separar cuidadosamente os itens indispensáveis que devem nos acompanhar ao longo do percurso. As três cenas que compõem a sessão *Disparadores para a pesquisa* dessa introdução foram os primeiros itens da minha bagagem de pesquisadora. As cenas me colocaram em movimento de pesquisa, em movimento de andança. Chamo essa pesquisa de andança, pois ela é feita de andanças.

Uma andança consiste em caminhar, perder-se entre pulsações, construir moradias provisórias ou fictícias, criar conexões nas franjas dos territórios, percorrer o invisível. Fazer uma pesquisa/andança é viajar por suas cartografias, recolher coisas pelo caminho e perde-las ou abandoná-las em seguida, é trabalhar com aquilo que nos surge, com o que tem em mãos. “Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transbordam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

É preciso esclarecer que esse trabalho não diz respeito à uma pesquisa pautada em resultados e representações de objetos. Essa pesquisa traz consigo o desejo de um caráter mais inventivo, apoiado no método cartográfico⁴, em que se busca a *produção* de dados e não a mera *coleta* de dados. “Mais do que um método de criação, a cartografia é uma maneira de estudar um campo problemático, suas linhas de composição, movimentações e múltiplas entradas” (ZORDAN, 2014, p. 123).

[...] diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Deixar-se levar pelas forças que movem a pesquisa/andança não significa uma atitude de relaxamento ou de falta de controle de variáveis, trata-se de evitar que a busca por informação predomine e impeça o cartógrafo de abrir-se ao encontro, à experiência. No processo de pesquisa a experiência do cartógrafo tem um papel fundamental, tomando as palavras de Jorge Larrosa (2014, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo

⁴ Apesar de não os citar nesse trabalho, é importante destacar a produção de outros autores sobre cartografia como método: Suely Rolnik (*Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, 2006); Eduardo Passos, Liliana da Escóssia, Virgínia Kastrup (*Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2009).

tempo, quase nada nos acontece”. Essa pesquisa surge das minhas experiências enquanto cartógrafa andaleça⁵ e também das experiências narradas pelos cartógrafos que habitam ou habitaram as ruas, ela se dá no acompanhamento dos processos que essas experiências e encontros estão inseridos – por isso esse trabalho deve ser visto como um todo e não pode ser dividido por etapas de um método cartesiano.

No contexto da ciência moderna, as etapas da pesquisa – coleta, análise e discussão de dados – constituem uma série sucessiva de momentos separados. Terminada uma tarefa passa-se à próxima. Diferentemente, o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada movimento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos – na coleta, na análise, na discussão dos dados e também na escrita dos textos (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 59).

Assim como o caminhar itinerante dos moradores de rua, minha pesquisa/andança também não foi constante. Em alguns momentos estive mais afastada do processo de pesquisa – parei em alguns pontos e segui em outros –, mas essa andança sempre esteve presente em mim ao longo dos anos da graduação, “a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

Dentre os diversos trajetos que percorri e diversos encontros que vivi, essa andança/pesquisa foi marcada, sobretudo, por dois momentos/movimentos particulares. O primeiro começou em 2012, quando pude adentrar no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP)⁶, que pertence ao Complexo Penitenciário de Florianópolis. Dentro do hospital-prisão, entrevistei pacientes-internos que antes de cumprir reclusão viviam em situação de rua. Através de suas falas, a noção de aprendizagem e sobrevivência passaram a ter um único corpo. Suas memórias dilataram uma noção de habitar uma cidade pautada no utilitarismo e consumo. As linhas das suas grafias são tremidas, pois as mãos que as desenharam também tremem.

Depois dessa experiência no Complexo Penitenciário, senti que devia me aproximar daqueles que viviam na atual condição de habitar a rua. Em 2015, minha andança errante seguiu

⁵ Tomo o termo *andaleço* do poema ‘O Andarilho’, retirado do ‘*Livro sobre Nada*’ de Manoel de Barros (1996).

⁶ A escolha pelo hospital-prisão se deu em decorrência da tese de doutorado ‘*Mapas, Prisões e Fugas: cartografias intensivas em educação*’ cf. PREVE (2010).

para a cidade de Joinville, onde me dirigi ao Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, tornando-se o segundo momento/movimento. Pelo contato com educadores e usuários do serviço social, pude compreender a heterogeneidade cultural e identitária dos habitantes das ruas. Entre conversas informais e entrevistas, a importância das mochilas e recantos na construção de um lugar para si no espaço urbano passou a ter outro significado.

Tendo em vista que cada movimento teve suas particularidades no método das entrevistas e que houve um grande intervalo temporal entre eles, cada um terá seu próprio capítulo, com subdivisões e características próprias. Mas “quem está pensando, dizendo ou escrevendo?” (VEIGA-NETO, 2014, p.63). Por se tratar de um trabalho monoautorial, escrevo em primeira pessoa⁷, apesar disso, o trabalho é resultado de encontros, de modo que as falas dos entrevistados incorporadas ao texto serão destacadas em itálico. Vale esclarecer que ao final do trabalho existe um glossário das gírias utilizadas pelos entrevistados e mantidas na íntegra, aparecendo com o destaque do efeito sublinhado.

Afetos próprios de um território, de um projeto, de um modo de fazer. Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

Por meio de entrevistas, busquei traçar as linhas de força invisíveis para dar consistência a uma cartografia desses que caminham, ao que parece, até deixar de haver caminhos a serem traçados, que se movem fora da lógica do par utilidade-consumo. “Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 61). É preciso percorrer a pesquisa como quem percorre a rua, a cidade, é preciso caminhar pela pesquisa, explorar sua própria andança. Andarilhar.

⁷ Alfredo Veiga-Neto defende que é preciso deixar claro de quem é a autoria de um texto nos casos de textos monoautorais. Nas palavras do autor: “A questão não é fazer de conta que o não uso da 1ª pessoa do singular garante a isenção do pesquisador, mas é assumir que tal isenção é uma ficção e que, conseqüentemente, é preciso estar sempre atento sobre os mútuos envolvimento entre aquilo que se chama ‘a realidade do mundo’ e a descrição daquilo que se chama ‘a realidade do mundo’. O mito da neutralidade revela o desconhecimento dos avanços feitos pela virada linguística, nas últimas cinco ou seis décadas” (2014, p.63).

ATLAS E SUAS CARTOGRAFIAS ANDARILHAS

O que era um atlas para nós, Borges?

Um pretexto para tramar na urdidura do tempo nossos sonhos feitos da alma do mundo. Antes de uma viagem, olhos fechados, unidas as mãos, abríamos ao acaso o atlas e deixávamos que as gemas de nossos dedos adivinhassem o impossível, a aspereza das montanhas, a higidez do mar, a mágica proteção das ilhas. A realidade era um palimpsesto da literatura, da arte e das recordações de nossa infância, tão semelhante em sua solidão.

(Jorge Luis Borges – Atlas)

Esta pesquisa quer buscar uma nova maneira de olhar, sentir, experimentar e viver a rua. Também busca um outro modo de grafar o espaço, mais relacionado com os processos de compor para si um lugar na cidade. Com isso, interessa movimentar o pensamento no sentido de nos distanciarmos cada vez mais de uma visão planejada que os mapas convencionais oferecem das cidades e, por extensão, das imagens de satélite, dos guias de rotas turísticas e de suas prescrições sobre os caminhos que devem ser percorridos quando se quer conhecer uma cidade.

Nesse sentido, para além do mapa representacional utilizado pela Geografia, a cartografia ganha uma outra relevância, uma vez que ela exprime relações, relações que, por sua vez, constituem uma topografia das forças, daquilo que não é visível. Assim, proponho pensar em uma cartografia de linhas andarilhas que acompanhe os movimentos nômades dos seus cartógrafos (os habitantes das ruas), uma cartografia que “menos do que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela [na cartografia], primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo” (GODOY, 2013, p. 209). Aqui, o que interessa não é apenas uma informação contida em um ponto específico do mapa, e sim, seus processos, suas intensidades, o momento de fazer/criar um mapa.

Nota-se que nos mapas convencionais, há uma predominância da valorização de fenômenos na superfície da Terra, “[a]ssim, os fenômenos, mesmo os sociais, compõem a ‘natureza’ daquele ponto ou recorte e esse fato permite que sejam ‘representados’ nos moldes clássicos da Cartografia” (GIRARDI, 2013, p. 81). Essa “representação” da realidade ganha título de verdade e legitima um discurso político-administrativo em favorecimento do Estado dentro da Geografia, conforme apontado por Oliveira Jr (2012). Desse modo, a cartografia oficial se apresenta como Cartografia maior, enquanto que a cartografia andarilha aqui proposta pode ser

tida como parte de uma Cartografia menor, tomando emprestado os conceitos de menor e maior de Deleuze e Guattari (1995). Para os filósofos, o conceito de maior não tem sentido de superioridade ou de mais importante, mas sim, de hegemonia, estabilização, constância. O menor é o que faz expandir, desestabilizar, dilatar o maior. “A Cartografia menor é, então, esse movimento da crítica, da criação, da incorporação do maior para fazê-lo dizer outra coisa, de desestabilização do representacional” (GIRARDI, 2013, p. 81). O devir só é possível na minoridade, as linhas de fuga são vias de expansão do maior.

Os desenhos-mapas e as fotografias-mapas deste trabalho, por se tratarem de mapas menores, não fornecem dados informativos como os mapas utilizados na cartografia oficial, pois não se tratam de representações. Assim, farei uso do termo *apresentação*⁸ para fazer referência aos mapas, substituindo o termo *representação*, usualmente utilizado pela linguagem cartográfica oficial. Neste trabalho é mais apropriado falar de apresentação, uma vez que os mapas e as coisas não existiriam por si mesmos, “mas somente a partir de um sujeito que lhes desse existência pela sua observação, pelo seu pensamento, pela sua descrição” (GIRARDI, 2013, p. 75).

Os mapas dessa cartografia estão organizados ao longo do trabalho no formato de atlas que acompanham os dois momentos da pesquisa. Esclareço que a noção de atlas que acompanha essa pesquisa é inspirada no livro *Atlas*⁹ de Jorge Luis Borges, cujo livro/atlas é composto por um conjunto de fotografias e textos, “[n]ão se trata de uma série textos ilustrados por fotografias nem de uma série de fotografias explicadas por uma epígrafe. Cada título abarca uma unidade, feita de imagens e de palavras” (BORGES, 2010, p.09).

O primeiro Atlas é composto por desenhos-mapas feitos durante entrevistas realizadas com indivíduos que já fizeram da rua moradia, mas que na época (2012) estavam em situação de reclusão penal. Todos desenhos-mapas foram feitos pelos entrevistados em folhas A4, que foram digitalizadas e tiveram seu tamanho reduzido e contraste corrigido. Em alguns casos foi necessário colocar tarjas brancas para preservar a identidade daqueles que traçaram as linhas dos mapas.

Já o segundo Atlas é todo feito por fotografias de minha autoria, cujas imagens se relacionam com um modo de construir para si um lugar na cidade. Originalmente, todas fotografias são coloridas e para apresentação nesse trabalho foram editadas digitalmente para

⁸ Termo proposto por OLIVEIRA JR. (2012) e GIRARDI (2013).

⁹ Nesse livro, Borges contou com o apoio de sua esposa Maria Kodama para a confecção do livro.

preto e branco. Tratam-se de fotografias-mapas de lugares citados pelos entrevistados, das suas inseparáveis mochilas, dos seus carrinhos e casas temporárias. “A imagem – um arranjo de forças/um composto de sensações – não é as coisas que se percebe, mas, sim, as sensações que forçam a perceber a passagem nas forças” (GODOY, 2013, p. 212).

É preciso frisar que não estou a defender que todo desenho e/ou fotografia sejam considerados mapas, apenas aqueles que estejam inseridos em um contexto de saberes de espacialidade, nesse caso, composição e ocupação do espaço urbano por moradores de rua. Nas palavras de Ana Godoy (2013, p. 221),

[t]alvez essa perspectiva não cativa tanto e nem todos os geógrafos, mas, com certeza, exprime a potência da geografia na sua relação com os não geógrafos e com modos de pensamento que são, eles mesmo, os antípodas de abordagens mais confortáveis – e assim a geografia se encontra com a filosofia, a música, a literatura, a pintura.

DISTRIBUIÇÃO

Capítulo 1 – *Andança Errante I [deslocamentos entre pontes, cidades e prisão]* se passa no primeiro movimento dessa pesquisa, entre células prisionais e manicomiais. Aqui a noção de morar entre quatro paredes é desconstruída por pontes, marquises e casas abandonadas. As palavras dos entrevistados têm força para desconstruir não apenas com a noção de moradia, mas também com a de indivíduo perigoso, de cidade e de aprendizagem.

Capítulo 2 – *Atlas de Cartografias Andarilhas I [desenhos-mapas da rua]* é inteiramente formado por desenhos-mapas produzidos durante as entrevistas com pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis. Seus relatos evidenciam uma outra forma de ver e viver a cidade que é contornada por linhas nômades, linhas intensivas, impossíveis de serem grafadas numa perspectiva cartesiana.

Capítulo 3 – *Andança Errante II [construindo espaços entre galos e mocós]* trata do segundo momento da pesquisa, onde descobre-se que uma mochila é capaz de carregar uma vida inteira e tudo pode ganhar uma nova forma. Entre galos e mocós, é possível compreender de que forma um morador de rua constrói para si um espaço na cidade.

Capítulo 4 – *Atlas de Cartografias Andarilhas II [fotografias-mapas da rua]* composta por fotografias que acompanham todo percurso da pesquisa e são capazes de estabelecer uma

cartografia imagética do habitar a rua. Faz-se importante frisar que não se trata de afirmar que toda fotografia é um mapa. Para que a fotografia possa ser considerada um mapa é preciso que ela esteja inserida em um processo cartográfico de produção e/ou construção de espacialidades. Neste caso, atrevo-me chamar essas fotografias de mapas pois elas possibilitam o diálogo sobre a forma de se construir um lugar para si no meio urbano.

Capítulo 5 – *Experiências do habitar a rua [ou considerações para pensar novas andanças]* é composto pelos meus atravessamentos, por aquilo que ficou em mim depois de conhecer uma outra forma de habitar a cidade. Impossível concluir essa andança, ela permanece em movimento cada vez que observo uma ponte e vejo ali a moradia de alguém. A andança não acaba no ponto final do trabalho, este é apenas o início de uma longa viagem pela rua.

QUADRO DE ORIENTAÇÃO

Caminhar.

Habitantes das ruas caminham muito, podendo ser longas ou curtas distâncias, mas o ato de caminhar é sempre constante. Os pés são, notadamente, o meio de locomoção por excelência de andarilhos e moradores de rua e “são igualmente a marca mais evidente de sua situação de rua, de exposição corporal, e da subtração material e social que caracteriza suas vidas” (FRANGELLA, 2009, p. 105).

Não poderia falar sobre um devir nômade mantendo um texto estático. O caminhar dos moradores de rua também deveria estar presente no processo de escrita. Inspirada no livro *O Jogo da Amarelinha*, do escritor argentino Julio Cortázar¹⁰, resolvi tecer a escrita dos capítulos da forma mais independente possível, de modo que a leitura possibilite certo movimento ao texto.

Posto isto, é preciso que o leitor se atente aos três modos de ler este trabalho: 1) O leitor pode lê-lo na forma convencional, seguindo do início ao fim na ordem sequencial; 2) também é possível caminhar pelo texto de forma livre, desde que o último capítulo permaneça como tal, apenas apareça ao leitor quando os demais tiverem sido percorridos; 3) como última sugestão, o

¹⁰ O livro foi escrito em Paris e publicado pela primeira vez na Espanha em 1963, e é considerado por muitos como a obra-prima do autor. Antes de iniciar devidamente com o romance, Cortázar escreveu as orientações para a leitura do seu livro, e, com as devidas adaptações, repito suas indicações. Deixo claro que a obra do escritor argentino se trata de um romance que não se aproxima com o tema do presente trabalho, apenas me inspirei na sua forma de construção textual.

leitor pode seguir a ordem por mim indicada: Capítulo 2 – Capítulo 1 – Capítulo 4 – Capítulo 3 –
Capítulo 5.

RITIRADA NA
FERRERD @ É REO

ANDANÇA ERRANTE I

[Deslocamentos entre pontes, cidades e prisão]

DE DENTRO DAS CÉLULAS PRISIONAIS¹¹

Daí a necessidade de romper o quarto. Quebrar as amarras do quarto e percorrer umas de suas linhas maleáveis. E achar a saída só pode ser feito de um modo: experimentando. Não há saída prevista em uma cela, para a cela é improvável que algo escape. Uma ideia de possibilidade está ligada à cela, mas uma ideia de impossível, de improvável, de virtual está associada ao plano de fuga

(Silvio Ferraz – Livro das Sonoridades)

Neste momento, convido o leitor a embarcar numa viagem e percorrer comigo uma experiência de andança. Nosso destino não é muito amigável ou convidativo, sendo um espaço de vigília e punição constante. Para muitos que fazem das ruas suas moradas, este lugar é tido como “o fim da linha”.

Nesta andança, vamos atravessar os muros altos que escondem as grades do Complexo Penitenciário de Florianópolis, situado, desde 1971, no bairro Trindade, na capital do estado de Santa Catarina. Dentro do Complexo Penitenciário, nosso destino é o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis - HCTP, o manicômio judiciário, local onde indivíduos julgados inimputáveis cumprem medida de segurança¹².

Até aquele momento nunca havia pisado no trecho, tampouco numa prisão ou manicômio. Não obstante, foi neste ambiente fechado por grades e pelo uso contínuo de medicamentos que encontrei uma abertura para a cidade daqueles que viveram a rua. Dentro do hospital-prisão, fui levada para debaixo de pontes e viadutos, percorri estradas e cidades, vi as marcas da rua nos corpos e nos olhos daqueles que me contavam suas memórias. Os relatos dos pacientes-internos dilatavam o espaço, me fazendo percorrer a rua de modo intensivo, através das suas lembranças, suas marcas, suas recordações.

Quando atravessei pela primeira vez os muros do Complexo Penitenciário de Florianópolis, me sentia perdida, mas o perder-se faz parte do processo de pesquisa, “o perder-se é então o movimento necessário para produzir passagens e que se aprende nos caminhos

¹¹ Este capítulo é baseado em artigo feito em coautoria com a orientadora deste trabalho, apresentado no III Colóquio Internacional ‘A Educação pelas Imagens e suas Geografias’ e posteriormente publicado na Revista Geografias em edição especial. A este respeito cf. Schulze e Preve, 2013 e *idem*, 2014.

¹² A medida de segurança é aplicada a sujeitos que cometeram um crime, mas são incapazes de compreender a natureza ilícita da ação por serem portadores de doenças mentais. A este respeito cf. Preve, 2010.

desconhecidos do fazer alguma coisa que não se sabe aonde vai dar, mas que é preciso fazer” (PREVE, 2013, p. 258). Meu objetivo era fazer um primeiro contato com a realidade de habitar a rua, queria conhecer, me aproximar de algo que sempre esteve presente no meu cotidiano na cidade, mesmo que longe das minhas vivências. Entrei no Complexo Penitenciário disposta a ouvir aqueles que tinham algo a dizer sobre suas experiências em habitar a rua. Meu único intuito era o de escutar suas memórias, suas trajetórias, suas cartografias, sem julgamentos.

Entre os 147 pacientes-internos¹³, apenas seis foram entrevistados por serem identificados ou autodenominados como moradores de rua ou andarilhos. A pesquisa teve início com entrevistas semiestruturadas, auxiliadas pela confecção daquilo que chamo de desenhos-mapas¹⁴ produzidos durante as entrevistas, gravações de áudio e anotações *in loco*. Os encontros para as entrevistas ocorreram dentro dos domínios do HCPT, individualmente, sem a presença de agentes penitenciários. Em algumas entrevistas estive acompanhada da minha orientadora, em outras estava sozinha¹⁵. Também foi realizada uma sétima entrevista, desta vez com um detento comum da Penitenciária de Florianópolis, de nome fictício Gringo. A entrevista foi realizada no prédio administrativo do Complexo Penitenciário, obedecendo a mesma metodologia das demais.

Os nomes dos pacientes foram preservados e neste trabalho serão chamados por apelidos que eles próprios escolheram ou por nomes fictícios inventados por mim. Ao longo do texto, cada entrevistado receberá uma cor que será utilizada para destacar suas falas. O leitor também irá encontrar alguns dizeres no formato de diálogo, dando maior evidência ao contexto da conversa. Os diálogos serão marcados pelas iniciais dos apelidos dos entrevistados e minhas falas enquanto entrevistadora serão sinalizadas pela vogal ‘E’.

É preciso destacar que os desenhos-mapas estão apoiados numa noção de mapas e cartografias intensivas¹⁶, que visam experimentar as variações das linhas cartesianas que atribuem aos mapas a qualidade de verdade do território representado. Estes desenhos-mapas trazem uma variação cartográfica que dilata a Cartografia Oficial e que faz surgir uma outra forma que grafar o espaço, uma forma que está ligada com o processo em que suas linhas foram traçadas.

¹³ Dado fornecido pelas assistentes sociais da instituição em abril de 2013.

¹⁴ A noção de desenhos-mapas foi retirado de PREVE (2010).

¹⁵ Ver referências das entrevistas.

¹⁶ O conceito de cartografias intensivas foi trabalhado por PREVE (2010).

[São] Mapas de uma ordem distinta dos produzidos pela Cartografia Científica, cujo foco concentra-se na superfície extensiva da Terra. Os mapas intensivos [aqui desenhos-mapas e fotografias-mapas que compõem Atlas] não podem ser deslocados dos processos em que surgiram. São mapas na medida em que permitem apresentar o processo, mas deixam de sê-lo se se quiser utilizá-los como guia, orientador, indicador ou localizador; eles são levam a lugar nenhum [...] (PREVE, 2010, p.18).

Um mapa, como afirma Michel Onfray (2009, p.28), “enuncia a ideia que se tem do mundo, não sua realidade”. As cartografias dos pontos ocupados na rua, bem como os mapas gerados por elas, são um modo de ver a rua por aqueles que a habitaram, ocupando seus espaços recônditos, estando, naquele momento, livres de diagnóstico e identificação.

Para compreender a potencialidade destes desenhos-mapas, é preciso torcer a linguagem cartográfica, “fugindo das cristalizações já estabelecidas que a engessam em certas imaginações do que ela [a cartografia] já é e do que ela poderia vir-a-ser” (OLIVEIRA JR. 2012, p.11). Para isso, “o primeiro movimento é o de limpar do mapa a função de representação do espaço” (GIRARDI, 2014, n.p.) possibilitando que a cartografia geográfica faça conexões com saberes de outras áreas – como as artes – de modo que se se possa desafiar e criar novas noções de mapas e de espaço.

Mapas intensivos não funcionam sozinhos, precisam estar atrelados às suas cartografias, ao movimento-procedimento de traçar as linhas (PREVE, 2012). Neste caso, as cartografias dos desenhos-mapas e das fotografias-mapas apresentam os processos que nos movimentam intensivamente para o espaço habitado das ruas, através de linhas e falas que contam memórias da vivência na rua. O que está posto aqui são as forças de topografias invisíveis que buscam criar um pouco da atmosfera dessa cidade que não se vê, que se torna invisível porque sua visibilidade é traduzida como uma ameaça à ordem urbana.

A cartografia dos desenhos-mapas aparece em dois momentos neste trabalho: no formato de uma experiência audiovisual¹⁷, disponível em formato de CD-ROM na página seguinte, ou na andança/capítulo *Cartografia Errante I – Desenhos-mapa da rua* (p. 44). É necessário que o leitor esteja receptivo as imagens fornecidas pelos desenhos-mapas, e que se deixe levar por suas linhas intensivas, seus significados.

¹⁷ O vídeo ‘Atlas: aprendizagens de rua’ atua como um atlas em movimento, um atlas filmado. Esse vídeo foi apresentado no Colóquio já mencionado e está disponível no site da Rede de Pesquisa Geografia, Imagens e Educação em http://www.geoimagens.net/#!__sc-videos/vstc8=video-2.

Na sequência, o texto é dividido em blocos, cada qual destinado a um dos internos entrevistados. Os blocos deste capítulo – assim como o resto deste trabalho – podem ser lidos de forma autônoma, desde que o leitor obedeça a regra que o primeiro (p. 27) e o último bloco (p. 41) devem permanecer como tais. Se o leitor quiser seguir minha sugestão, ao final de cada bloco, a ordem de leitura sugerida por mim será indicada em vermelho, apontando o bloco seguinte.

As grades do hospital-prisão impedem que os andarilhos e moradores de rua estejam fisicamente na rua ou na estrada, porém, seus pensamentos, como eles mesmos dizem, estão livres e ultrapassam todos os muros e grades que o sistema prisional usa como limite. Esta *andarilhagem*, portanto, não se move no campo físico dos deslocamentos espaciais, mas no campo das ideias, afloradas pela memória das sensações, das forças que ainda deslocam intensivamente internos/andarilhos e internos/moradores de rua.

Assista o vídeo:

Atlas: aprendizagens de rua

<http://www.geoimagens.net/#!/sc-videos/vstc8=video-2>

DESMANCHE DO CONSULTÓRIO MÉDICO

Alguns degraus me levam até a entrada de um prédio branco, onde um relógio quebrado anuncia que, naquele lugar, o tempo corre de uma maneira diferente. Ao cruzar o portão de grades, o cheiro de prisão me invade e entro no corredor com piso de taco de madeira e paredes verde-claras. O corredor é preenchido por diversas portas que possuem uma pequena abertura com grade por onde se pode ver o interior dos cubículos e enfermarias. Por trás do nome Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico se vê um presídio. Ando até a metade do corredor e paro em frente a porta que possui uma placa que diz “Consultório Médico”, esse é o espaço cedido para as entrevistas. O consultório tem as paredes pintadas de branco e o mesmo piso do corredor, madeira desgastada e corroída pelo tempo. É uma sala pequena com apenas três móveis: uma cadeira para o paciente, uma mesa de madeira e uma cadeira maior para o médico.

Ao entrar, me posiciono no espaço destinado ao paciente e espalho sobre a mesa folhas em branco, giz de cera, canetas, caderno e gravador. O agente anuncia a entrada do paciente que, quando estava fora dos muros do HCTP, se autodenominava como andarilho. Peço para que ele sente na cadeira destinada ao médico. Esse modesto ato configurado pelo paciente – sentar-se no lugar destinado ao médico – é também uma intenção da pesquisa: reconfigurar o espaço, mudando as distribuições. O paciente passa a ocupar o lugar mais importante daquela sala e com sua voz preenche o ambiente e desmancha um território-consultório onde só se fala de doses de medicamentos e de laudos técnicos, faz romper o lugar do médico especialista detentor da verdade sobre o outro, da verdade dita entre aquelas paredes.

Nesse movimento de desmanche muita coisa acontece, e eles esboçam suas casas, seus percursos na cidade. Falam como fala um locutor qualificado, qualificados que são pela experiência da rua. O consultório médico transforma-se no espaço de pesquisa, o lugar do médico é esvaziado para ser ocupado por quem, naquele momento, tem algo a dizer.

Fora do consultório, o tempo segue correndo no ritmo do relógio parado da entrada do prédio; dentro daquele cubículo, o tempo passa a correr no ritmo das falas e memórias. As vozes da rua fazem as paredes brancas vibrarem, e vibram até que rachaduras profundas se formem, destruindo por completo as paredes do hospital-prisão. Das ruínas do consultório médico, surge a rua que outrora foi morada.

[Siga para “*Na ponte, embaixo da ponte*” com Andes – p. 32]

“EU NÃO CONHEÇO ESSE ENDEREÇO”

Sua mão treme numa provável resposta ao medicamento. Seu olhar é penetrante e gélido, me encara em silêncio. Forasteiro é de poucas palavras, gosta mais de desenhar e escrever seu nome do que falar. Entre um desenho-mapa e outro, conta que viveu por muito tempo com o irmão e a cunhada embaixo de uma ponte na Avenida Imigrantes, em São Paulo. Ele pedia dinheiro e caminhava pelas redondezas, não costumava ir muito longe. Quando saía da ponte era para acharcar ou buscar goró e comida.

Com um giz de cera verde, Forasteiro desenha lentamente a ponte que já foi sua morada. Ele deixa um espaço vazio no meio da ponte [desenho-mapa 01, p. 45]. É uma ponte que liga nada a lugar nenhum, não se tem como atravessar a *sua* ponte. A sua ponte-casa não é para atravessar, e sim para morar. Ele termina o desenho e fica observando, em seguida comenta que falta a escada. Em outra folha desenha a escada caracol da sua ponte-casa [desenho-mapa 05, p. 49].

Entrego a cópia de um mapa do Brasil e pergunto se ele pode mostrar onde fica essa ponte no mapa. Ele olha atentamente, passando a ponta dos dedos nas linhas do mapa com movimentos lentos. Uma palavra, um lugar legível no mapa chama a atenção. “Nome de um país, de um curso de água, de uma montanha, um vulcão, de um continente, de uma ilha ou de uma cidade. O indistinto, o visceral, se reconhecem de súbito numa emoção desencadeada por um nome guardado na memória” (ONFRAY, 2009, p. 21). Forasteiro pega um lápis e faz um sinal em cima do estado de São Paulo.

F: “*Eu morava aqui.*” Diz referindo-se ao estado mencionado.

E: “*Você sabe onde nós estamos agora?*” Ele acena a cabeça em gesto negativo.

F: “*Eu não sei o endereço*”

E: “*Estamos no HCTP, em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina*”

Ele volta a analisar o mapa, mais lentamente dessa vez, e volta a dizer, referindo-se à última pergunta: “*eu não conheço esse endereço*”. Localizo a cidade de Florianópolis no mapa para ele. Então Forasteiro faz um sinal em cima da ilha catarinense e vagarosamente traça uma linha ligando as cidades sinalizadas no mapa [desenho-mapa 04, p. 48]. Ele observa por um tempo, nada ali parece lhe dizer alguma coisa.

Ele me entrega o mapa do Brasil e pede por mais folhas em branco. No mapa político nacional apenas um ponto é conhecido e agora está muito distante. No entanto, a folha em branco permite que ele a preencha por completo com algo que conhece muito bem, sua ponte com um vazio no meio [desenho-mapa 06, p. 50].

A frase “*Eu não conheço esse endereço*” segue ecoando nas paredes do consultório enquanto outra ponte é desenhada. Forasteiro é como um estrangeiro no exílio. Do antigo e conhecido endereço só lhe restam suas memórias, nada mais. Do atual nada sabe, apenas que está preso. Assim como a ponte do seu desenho-mapa, sua ligação com a cidade natal também foi quebrada, deixando apenas um vazio que não se pode atravessar.

[Caminhe até Casa ponte com Pardal – p. 39]

O TRECHEIRO

Andaleço é um exemplo de “trecheiro”, termo estudado por Felipe Brognoli (1996) em sua etnografia dos nômades urbanos. Em seu estudo, foram os próprios trecheiros e pardais que apresentaram e explicaram essa terminologia para Brognoli. O termo trecheiro é, portanto, aquele que percorre um trecho, que caminha de uma cidade para outra, que não tem uma parada, conhecido comumente por andarilho (BROGNOLI, 1996). Os pardais, por sua vez, “como essas aves, nunca se afastam muito de seus ninhos” (idem, p.53-54). Um pardal adota percursos relativamente pequenos, dentro de uma mesma cidade e são constantemente definidos como mendigos e vagabundos pelos trecheiros¹⁸.

Trecheiros e pardais estão constantemente em contato com instituições normatizadoras, na maioria das vezes involuntariamente – caso do HCTP. Essas instituições buscam controlar ou suprimir a periculosidade destes sujeitos que rompem com os códigos sociais tidos como normais e aceitáveis e que por isso se tornam uma ameaça para o outro. Ainda segundo Brognoli (1996, p. 51), essa autodenominação (trecheiros e pardais) estabelece contrastes, de forma que os indivíduos “possam ressaltar certas características suas que ‘julgam’ importantes e que lhes

¹⁸ Trecheiros e pardais articulam um paradoxo “que se expressa na tentativa de manter sua singularidade usando os símbolos eleitos pelos outros para conferir a si mesmos uma identificação e um reconhecimento” (idem, p.67)

conferiria, aos olhos dos outros, senão uma legitimidade, pelo menos uma redução no grau de ‘periculosidade’ que estes outros podem lhes atribuir”. Faz-se notar que, entre os pacientes entrevistados no HCTP, o termo pardal não foi mencionado, e o termo trecheiro só foi utilizado por um dos pacientes, o Andaleço.

O trecho da BR-101 entre as cidades de Itajaí, Balneário Camboriú e Itapema, no litoral norte de Santa Catarina, é bem conhecido por Andaleço:

A: *“Vivi oito anos no trecho, aí aconteceram umas coisas, né? E vim parar aqui.”*

E: *“Você falou em trecho, tu sabes o que é um trecheiro?”*

A: *“É quem está no trecho. Fica caminhando.”*

E: *“Então você é um trecheiro?”*

A: *“Eu era, né? Quando estava lá fora. Aqui dentro não posso mais ser.”*

Ele desenha com giz vermelho o telhado do estacionamento perto da igreja onde normalmente dormia quando estava em Balneário Camboriú [desenho-mapa 03, p. 47].

E: *“O que você aprendeu na rua?”*

A: *“Não aprendi nada na rua, do jeito que eu entrei, saí.”*

Andaleço conta que acordava cedo e saía para trabalhar catando latinha na rua para vender e que quando cansava de uma cidade ia para outra, entrando e saindo delas.

E: *“E o que uma cidade precisa ter pra ti?”*

A: *“Cidade boa é a que tem comida boa.”*

Explica que nem sempre dormia na rua, às vezes ia para alguma casa-abrigo¹⁹ onde passava a noite e podia tomar banho. Em um mapa de Santa Catarina, ele faz pontinhos nas cidades onde já morou, além das três cidades citadas. Há um ponto em Chapecó (onde nasceu) e em Florianópolis, e conclui: *“agora estou preso aqui.”*

Os pontos assinalados por Andaleço no mapa catarinense assinalam os pontos que ligam os trajetos rotineiros para o trecheiro. Ele, quando nômade urbano, perambula livremente entre os pontos, mas os pontos apenas marcam uma passagem, sua força está no trajeto, no seu caminhar. “A relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado [...]” (BROGNOLI, 1996, p. 46). Os pontos de

¹⁹ Casa-abrigo também são conhecidas como casas-de-passagem ou albergue temporário, designa os locais que oferecem abrigo temporário para moradores de rua e andarilhos. Nesses albergues é oferecido cama, banho e, em alguns casos, jantar e café da manhã. O tempo máximo de estadia varia em cada abrigo.

parada não importam para o espaço nômade, pois só existem para serem abandonados. O movimento de deslocamento subordina os pontos ao trajeto, que, desse modo, se torna autônomo e ganha direção própria.

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.53).

Deleuze e Guattari (1997, p. 192), ao se referirem ao espaço liso e estriado, dirão que “o espaço nômade e o espaço sedentário, – [respectivamente] o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, – não são da mesma natureza”. A diferença entre o espaço liso e o estriado está no modo como o deslocamento se dá. Ao contrário do trajeto autônomo do espaço liso, no espaço estriado os pontos de fixação atuam como canalizadores que conduzem o deslocamento, o trajeto fica restrito a uma função comunicadora entre os pontos. Os pontos são fixos e não servem para serem abandonados, servem aos começos a às chegadas.

É justamente essa movimentação autônoma do nômade que excede a ‘regra social’ do sedentarismo e causa desconforto para a sociedade e o Estado. “O capitalismo pode nascer e, com ele, a prisão. Tudo o que recusa essa nova ordem contradiz o social: O nômade inquieta os poderes, é o incontrolável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar” (ONFRAY, 2009, p.11). No entanto, essa inquietude é necessária, como assinala Brognoli (1996, p. 46).

[...] o modo de composição de suas vidas é permeado por esta outra lógica que inverte os usos públicos e privado dos espaços, que se nega a permanecer e busca escapar às capturas institucionais, que faz com que suas relações levem em conta a possibilidade de instauração de hierarquias e mantenham sempre disponíveis instrumentos para evitar que tal estruturação se instale.

Andarilhos e moradores de rua são como um movimento turbilhonar, ocupando, deslocando e habitando esse espaço liso, inventando um espaço liso para si. É sobre esse espaço nômade que os habitantes da rua desconstroem o território numa ação de fuga e desordem, e como resultante se tem a desterritorialização da rua que se reterritorializa nela própria.

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário[...]. Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.56).

Neste ponto, pode-se afirmar que o morador de rua e o andarilho criam a rua, tanto quanto são criados por ela. Inventam para si uma cidade na cidade que “conhecemos”. O território por eles habitado é encontrado em um movimento de fuga. A rua deixa de ser rua para se tornar moradas móveis. É no deslocamento pelas estradas e cidades que habitantes de rua afirmam sua existência, expressam sua subjetividade, ainda que sob a marca do estigma, da subtração e da deficiência (FRANGELLA, 2009).

[Siga até “*Eu não queria ir, mas ai eu fui, né?*” com Charles – p. 33]

“NA PONTE, EMBAIXO DA PONTE”

Estamos no consultório médico, Ana está comigo nessa entrevista. Dessa vez quem está na cadeira do médico é Andes, que gosta de ser chamado assim por causa das montanhas, da Cordilheira dos Andes. A conversa começa com a pergunta:

E: “*Tu foste mesmo morador de rua?*”

A: “*Fui Ana²⁰! Falei pra ti!*”

E: “*E tu morava onde, lá em Criciúma?*”

A: “*Na ponte, embaixo da ponte.*”

Toda a conversa gira entorno da ponte. No papel, ele faz os traços da “Ponte do Andes” e pinta com caneta vermelha [desenho-mapa 08, p. 52]. Os traços que compõe sua ponte são fortes. “Não se compõe o lugar com uma matéria que tem forma, ou seja, com linhas duras...ou mesmo

²⁰ A professora Ana já conhecia Andes do período de pesquisa para sua tese de doutorado. Sobre o assunto cf. Preve, 2010.

com uma forma preenchida de matéria, mas com estas formas e matérias desmanteladas (FERRAZ, 2005, p.38)

E: *“Por que vermelho?”*

A: *“É a cor do meu sangue.”*

E: *“E o que a ponte é pra você?”*

A: *“Liberdade.”*

Quando Andes fala em liberdade, não é apenas estar fora do hospital-prisão, mas é estar na rua e poder tomar o caminho que eleger para si. É ter a liberdade de escolher viver embaixo de uma ponte e fazer dela a sua casa, seu território, onde pode fazer uso da droga da maneira que quiser, sem ter que dar satisfação para ninguém. “As paredes e portas não lhe confortam mais” (FRANGELLA, 2009, p. 146).

Ele conta como era o seu dia-a-dia na ponte: quando acordava, ia andar, mas suas caminhadas cobriam curtas distâncias, eram caminhos para buscar droga e conseguir comida. Depois ele voltava para a ponte, para a casa.

A: *“É uma vida sofrida. Mesmo ela sendo ruim, eu voltaria.”*

E: *“E se nesse momento você estivesse lá na rua, onde estaria?”* A resposta de Andes foi rápida, seca, precisa:

A: *“Na ponte.”*

[Volte para “*Eu não conheço esse endereço*” com Forasteiro – p. 28]

“EU NÃO QUERIA IR, MAS AI EU FUI, NÉ?”

O refeitório do HCTP é palco dessa conversa. A cor predominante no refeitório é o verde. As paredes são guardadas por alguns cartazes, bancos e mesas alongadas formam duas colunas. Charles é novo, tem seus vinte e poucos anos, dono de uma voz calma e suave. Foi para a rua com nove anos, levado pela mãe: *“Eu não queria ir, mas ai eu fui, né?”*. Ele nasceu em Santos, no litoral de São Paulo, mas já viveu em muitas cidades espalhadas por diversos Estados do país: Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina.

Segundo Charles, *“andarilho é gente que anda com um saco, coberta, roupa, panela, cascuda, colher”*. Ele próprio se considera um andarilho e para se deslocar de uma cidade a outra

andava, pedia carona ou pedia passagem de ônibus nos serviços de assistência social das cidades. Para dormir, buscava abrigo em igrejas, marquises, casas abandonadas, pontes e alguns albergues. Não existe uma rotina fixa nas andanças de Charles, a única coisa fixa é o tratamento que ele geralmente recebe das pessoas.

C: *“Eles têm dó de mim. Eu sinto que eles têm raiva de mim. Eles querem me judiar. Eu acho que para a sociedade, pros outros eu sou um lixo.”*

E: *“Mas você acha que é isso mesmo? Agora o Charles falando, o Charles se acha um lixo?”* Num primeiro momento, ele concorda, mas depois responde:

C: *“Eu não me acho um lixo, eu me acho uma pessoa boa.”*

Esse diálogo evidencia o tratamento dirigido aos andarilhos e moradores de rua pela sociedade de modo geral. Brognoli (1996, p. 84) identifica uma curiosa contradição nessa relação marginal x sociedade.

Tomadas em seu conjunto, as relações da ‘sociedade abrangente’ com os andarilhos estão marcadas por esta acentuada ambiguidade. Se por um lado há concordância maior das pessoas quanto a certo dever em auxiliar os ‘desfavorecidos’, por outro há o medo de que estes tomem uma proximidade indevida, o que pode significar contaminação, tanto em seu aspecto simbólico, quanto no real das doenças transmissíveis pela aparência de sujeira que carregam; roubo, ou alguma forma de violência, como se, desvinculados de um grupo de referência e não subordinados à autoridade alguma ou código moral, estes sujeitos se permitissem uma entrega irrefreada aos ‘instintos’.

A rua também deixa marcas, e o corpo de Charles é cheio delas. Ele aponta as cicatrizes que ganhou na rua: uma no pé, uma na barriga, outra na perna e mais outras. Charles conta como ganhou a cicatriz da barriga remontando os diálogos. Na verdade, ele não lembra exatamente como aconteceu, recorda apenas que foi em Jaraguá do Sul, ao norte do estado catarinense, num dia em que ele fumou muitas pedras de *crack* e dormiu. Quando acordou já tinha o corte.

Na folha em branco, desenha uma casa – a casa dos seus sonhos [desenho-mapa 10, p. 54]. Charles quer uma casa perto do gelo, porque gosta do frio. A casa fica na Antártica. Ele diz que quem vai morar com ele são alguns amigos que estão fora do HCTP, “estão na rua ou já morreram”. A casa perto do gelo é a fuga de Charles. Ao traçar aquelas linhas ele não está ali, preso no Hospital, ele está lá fora, na Antártica, na sua casa no gelo. *“Ficou bonito, né?”* – ele pergunta, sorrindo, ao entregar seu mapa, que não mostra especificamente a rua, e sim a vontade de estar livre.

O VIAJANTE DO UNIVERSO

Xuxa²¹ é dono de um sorriso contagiante. Fala animado sobre sua ida para Marte e quando mostro para ele os mapas que trouxe comigo – mapas políticos de Santa Catarina, do Brasil e do mundo – logo me questiona “*E onde está o mapa do sistema solar?*”. Insatisfeito com a falta do mapa desejado, desenha no *mapa mundi* uma pequena bicicleta com caneta vermelha e o caminho que o levará até o foguete para Marte [desenho-mapa 09, p. 53]. Ele não é apenas um andarilho, é também um viajante deste mundo e de todos os outros que sua mente permite viajar.

A conversa com Xuxa se dá na pequena sala do consultório, no entanto, sua fala nos faz viajar (sem nos deslocarmos no território extensivo) para a cidade de Joinville, no norte do estado de Santa Catarina. Xuxa viveu muito tempo nas ruas dessa cidade.

Eu (autora) morei em Joinville por alguns anos. Mas a forma como cada um de nós dois habitou a cidade foi distinta, e cada um teve uma casa à sua maneira. Durante a infância de Xuxa, casa era sinônimo de espancamento diário. Ele, por necessidade, inventou uma saída: foi para rua. Aí sim, sua casa. Aqui uma casa escapa ao sentido habitualmente consolidado de um lugar fechado por quatro paredes.

Nesse encontro, pedi que contasse como era seu cotidiano na cidade. Enquanto contava, eu traçava um desenho-mapa do caminho percorrido por Xuxa. E tal qual “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, eu assumia o papel do Kublai Khan e Xuxa o de Marco Polo, assim:

Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para outra não envolvesse uma viagem, mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco Polo descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria, e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os. [...]

– Você a conhece [a cidade]? Onde fica? Como se chama? [pergunta o Grande Khan para Marco Polo, que responde:]

– Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos,

²¹ O Xuxa deste trabalho é o mesmo do trabalho de PREVE (2010), aqui num contexto de entrevistas, lá num contexto de oficinas, sempre interessado por mapas, sempre um viajante.

ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. [...] As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. (CALVINO, 1990, p. 43-44).

Xuxa começa contando que morava em uma casa abandonada na Rua das Palmeiras, no centro da cidade com outros moradores de rua. De manhã, Xuxa saía da casa, passava pela Praça Nereu Ramos e seguia até o Bar São Paulo. Neste ponto, tive que interromper a fala de Xuxa, pois não fazia ideia de onde ficava tal bar.

E: *“Onde fica o bar São Paulo?”* E ele foi enfático em sua resposta.

X: *“Mas como você não conhece, você não é moradora de Joinville?! Fica ali na frente do Terminal!”*.

Xuxa ficou indignado com minha falta de conhecimento sobre a mesma cidade. Passei inúmeras vezes na frente do dito bar, que fica bem em frente do terminal central de ônibus urbano, sem nunca ver essa fração da cidade. E foi então que me dei conta que não há apenas uma cidade, mas sim diversas cidades; algumas a gente não vê, sobretudo aquelas que escapam ao nosso campo de visão, que estão nas margens, nas periferias.

A Joinville de Xuxa é formada por pontos alternantes que levam a trajetos que se deslocam no espaço nômade. A Joinville vivida por mim é formada por outros pontos que levam a outros trajetos, mais pontuais e já sabidos. Cada linha leva a uma percepção distinta e, por isso, a cidade se multiplica em várias cidades. Novamente faço uso das palavras de Calvino, “ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir, a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (idem, p.28), precisei me deparar com o estranho dentro daquilo que julgava conhecido para compreender a multiplicidade das cidades.

Cada indivíduo tem uma maneira particular de interagir no espaço que habita e de se compor com ele. São essas interações particulares que permitem que cada indivíduo vivencie uma cidade diferente. O olhar daqueles que já tiveram a rua como morada proporciona uma percepção distinta da cidade. As pontes deixam de servir como lugar de passagem para se tornarem casas, um rio se torna um refúgio para o banho, os lugares policiados são lugares que se deve evitar, um posto de gasolina é um bom lugar para um pernoite. A cidade ocupa outras

perspectivas, transformando-se conforme as percepções e os interesses de quem a percorre, “assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1990, p. 34). O que estes habitantes sabem e o que eles são não se distingue do território que recortam, das casas que fazem, das marcas expressivas que são sua assinatura no mundo e que inventam desafiando o possível para viver, mover-se, combater.

Percorrendo a cidade desconhecida

Numa das minhas idas à Joinville resolvi percorrer a cidade vivida por Xuxa. Caminhei pela área central por pontos até então desconhecidos ou ignorados pela minha rotina, mas que me revelaram uma outra cidade. Obviamente, seria impossível vivenciar a cidade que Xuxa habitava, pois apenas o próprio Xuxa pode vivenciá-la. Esta experiência apenas me permitiu conhecê-la, percêbe-la como tal, como a Joinville do Xuxa, preenchida por suas cidades particulares.

Minhas idas para Joinville durante o período letivo se limitavam aos feriados e fins de semana e fiz o percurso num sábado à tarde. Não havia a correria comum do centro durante os dias da semana e a maior parte do comércio estava de portas fechadas, mesmo assim, meu objetivo naquela tarde era conhecer o tal Bar São Paulo. Mas antes de ir até o famoso bar, resolvi começar o trajeto pela casa que um dia foi morada do Xuxa, a casa abandonada na Alameda Brustlein – conhecida por Rua das Palmeiras.

Se Xuxa voltar a caminhar pelas ruas de Joinville irá encontrar uma cidade bem diferente daquela que costumava habitar, a começar pela sua morada na Rua das Palmeiras. A casa que ele costumava dividir com seus companheiros de rua permanece vazia desde o incêndio que tomou a construção em fevereiro de 2010²². Xuxa afirmou que estava dormindo na casa no dia do ocorrido, mas que não viu como começou o fogo, apesar de suspeitar que alguma fogueira para o preparo de comida foi esquecida acesa. Uma parte da casa ficou desmanchada e parte restante teve portas e janelas bloqueadas por alvenaria, impedindo completamente o acesso. No período que Xuxa a habitava, a casa estava em processo de tombamento pelo Patrimônio Histórico de Joinville, por isso a derrubada completa do imóvel após o incêndio não foi possível.

²² O incêndio foi noticiado pelos jornais locais e não há informações oficiais sobre a causa do incêndio, cf. Jornal A Notícia; 2010.

A atual paisagem da Rua das Palmeiras também será diferente de suas memórias. Em 2012, foi inaugurado um projeto de revitalização do local, que recuperou o caminho da alameda histórica num formato mais próximo ao original de 1876²³. A revitalização do local contribuiu com a ideia de recuperação do centro da cidade, que era usualmente frequentado por usuários de drogas, principalmente crack²⁴. Na época das memórias do Xuxa, a alameda mais se parecia com uma praça formada por canteiros retangulares com duas pequenas servidões em suas laterais, onde era possível atravessar de carro ou a pé. Atualmente, existe um caminho que se estende ao longo de toda a alameda e só é possível transitar a pé.

Prosseguindo com o trajeto pela Joinville do Xuxa, segui para a Praça Nereu Ramos onde a cena de velinhos e taxistas jogando dominó ou xadrez permanece sendo comum durante o dia. Sentei-me por um tempo num dos bancos da praça, observando o movimento monótono de um final de semana a tarde antes de seguir em direção ao Terminal de Ônibus Urbano Central, em busca do Bar São Paulo.

Caminhei uma quadra pela rua do Príncipe até a rua XV de novembro e virei à direita, em direção ao terminal de ônibus. No instante em que virei a esquina pude avistar o até então desconhecido Bar São Paulo e a grade de ferro cerrando suas portas. Já esperava por aquilo, mas não pude negar uma certa decepção em vê-lo fechado. Permaneci por alguns instantes em pé na calçada olhando aquele fragmento da cidade que nunca havia notado. As poucas pessoas que caminhavam pelo centro da cidade seguiam seus caminhos, passando por mim indiferentes ao meu descobrimento. Esta singela andarilhagem na busca pelo bar São Paulo atuou como um divisor de águas, pois foi a partir deste pequeno trajeto que passei a perceber pontos da cidade que até então passavam despercebidos por mim. Naquele instante, o bar São Paulo passou a fazer parte do meu mapa joinvilense, e se tornou impossível passar por ali sem direcionar meu olhar ao ponto que liga a minha Joinville com a Joinville do Xuxa.

[Caminhe para *Entre grades, memórias e pontes* – p. 42]

²³ A Rua das Palmeiras fazia parte do jardim da casa colonial, que fora construída especialmente para a visita da Princesa Francisca às terras do seu dote. A Princesa nunca chegou a pisar em Joinville, mas a casa colonial e a alameda de palmeiras reais permanecem como pontos turísticos e históricos da cidade. Para informações e fotos históricas cf. Portal Joinville; 2012. Sobre inauguração do novo paisagismo da alameda cf. Jornal A Notícia, 2012.

²⁴ Matéria sobre a Rua das Palmeiras no Especial Crack Nem Pensar, cf. Portal ClicRBS, 2009.

A CASA-PONTE

Numa tarde fria e chuvosa, estou com Pardal no consultório médico. Ele é de poucas palavras e possui um olhar frio, intenso. Seus movimentos são lentos, o que faz parecer que tudo se passa em câmera lenta. Nossa conversa é sobre suas casas-ponte.

Enquanto estava longe dos muros do hospital-prisão, Pardal vivia embaixo de uma ponte construída sob as águas do Rio das Marombas, que marca a divisa dos municípios de Frei Rogério e Curitiba, na região serrana de Santa Catarina [desenho-mapa 07, p. 51]. Tempos mais tarde, a ponte onde Pardal vivia e chamava de casa teve sua estrutura comprometida, e uma nova ponte foi construída ao lado da antiga. E Pardal ganhou uma casa nova [desenho-mapa 02, p. 46].

Enquanto desenha a sua casa, ele explica que utilizava uma das margens da ponte como quarto e que a margem oposta servia como cozinha. Quando ele estava na margem-quarto e queria ir para margem-cozinha, ele subia até a cabeceira da ponte, atravessava o corredor-ponte e descia até sua cozinha. A ponte não pode mais ser vista linearmente apenas como um lugar de passagem ou travessia, o seu uso é transfigurado em um lugar de morada. Quando Pardal faz de cada margem da ponte um cômodo de sua casa, ele desterritorializa aquele território-ponte e constrói para si um novo território, a reterritorializando em morada.

E: E além da sua cozinha, o que tem nessa margem? Se a gente for em direção à cidade, o que vamos encontrar?

P: Nada.

E: E o outro lado? Na direção da outra cidade?

P: Nada.

E: E porque escolheu esse lugar, essa ponte para morar?

P: Não tem polícia.

E: Se sair da ponte, a polícia pega?

P: Pega.

É apenas ali, naquele ponto específico da rodovia SC-451, que Pardal se sente seguro. Ali é a sua casa, o seu lugar de morada e de segurança. Além daqueles limites existe a polícia e uma sociedade que não quer a presença de habitantes da rua em suas cidades. Longe da ponte existe exclusão e repressão.

[Volte para *O trecheiro com Andaleço* – p. 29]

“A RUA PRA MIM FOI UMA ESCOLA”

Os muros brancos do Complexo Penitenciário de Florianópolis ainda nos cercam, contudo, não estamos no HCTP. A conversa com Gringo se passa no prédio administrativo da Penitenciária de Florianópolis. Subimos uma escada em caracol e seguimos até o fim do corredor, onde entramos em numa sala ampla do segundo andar. A sala é preenchida por diversos móveis antigos de madeira, nos sentamos ao redor de uma mesa grande com vários lugares.

Gringo gosta de falar e tem muito a dizer sobre o tempo que viveu na rua. Ele viveu praticamente a vida inteira na rua. Ainda na infância, começou a vender picolé e engraxar sapatos no centro de Joinville para ajudar na renda da família e foi nesse período que começou a sua relação com a rua. Aos oito anos, brigou com o pai e resolveu fugir de casa, foi para o centro da cidade onde encontrou com crianças que moravam na rua e fez amizades. Com eles, subiu no trem de carga que cruza o centro de Joinville e seguiu até o município de São Francisco do Sul, onde teve seu primeiro contato com o mundo das drogas, cheirando cola de sapateiro no centro da cidade com os novos amigos. O Conselho Tutelar o encontrou e o levou para casa, mas seu retorno foi curto, ele não aguentou as cobranças e brigas com o pai e voltou a fugir. As idas e vindas da casa dos pais se tornariam constantes ao longo de toda a sua adolescência, assim como suas passagens por instituições para menores infratores. Aos onze anos, Gringo rompeu com seus laços familiares de forma categórica quando resolveu fugir para Florianópolis com um amigo.

Esse rompimento foi um marco decisivo na vida de Gringo, quando passou a fazer das ruas da Grande Florianópolis sua morada. Para poder permanecer na rua, ele teve que aprender táticas para sobreviver nesta situação. Assim como ele, todo habitante da rua passa por esse processo gradual de aprendizagem dos mecanismos de sobrevivência, “adaptando-se às teias de solidariedade e de conflito, aos recursos institucionais, vencendo o trauma de passar a noite ao relento, enfim, acostumando-se com as regras desse contexto” (FRANGELLA, 2009, p. 35). Além das táticas de sobrevivência, uma outra aprendizagem veio das drogas. Na adolescência Gringo aprendeu a cheirar cola, esmalte e benzina. Conforme sua idade avançava as drogas foram se tornando mais pesadas, até que nos seus vinte anos chegou ao *crack*.

Durante maior parte da sua vida seus laços com a família permaneciam rompidos, o que é uma característica comum na fala de quem habitou a rua, no entanto, esse rompimento com laços familiares nem sempre ocorre de modo permanente e abrupto como é possível concluir antecipadamente ou em uma conversa rápida. Ao contrário do que se presume frequentemente, “muitos deles perdem paulatinamente as conexões familiares, passam por vários tipos de trabalho, saem e voltam das ruas com uma certa frequência” (FRANGELLA, 2009, p.34). Essas idas e vindas da rua também estão muito presentes na fala de Gringo, que conta sobre essas alternâncias de forma não cronológica, o que, atua como um reflexo dessa relação inconstante. *“A família é muito boa, mas longe de mim. Para conviver e estar junto não dá certo. É pior que cadeia”*.

Ele conta que por um tempo chegou a ter emprego fixo, apartamento, esposa e filhos, mas o “chamado” do *crack* foi mais forte. Abandonou os filhos, se divorciou e voltou para as ruas. Nos últimos sete anos antes de ser preso, Gringo vivia nas ruas do Kobrasol, bairro do município de São José que pertence a Grande Florianópolis, ocupando sempre a mesma marquise para dormir, próximo de uma pizzaria e de uma igreja onde sempre havia um guarda, o que lhe garantia certa segurança de atos violentos e roubos. Neste último período na rua seus trajetos eram curtos, passava o dia trabalhando cuidando de carros e saía apenas para buscar a droga, *“a comida o cara arranja fácil. É só não fazer bagunça e não incomodar ninguém. O pessoal da pizzaria e do restaurante ali perto me conheciam e sempre me davam comida”*.

Mas a facilidade em conseguir comida só acontecia durante o dia, quando a noite chegava e a cidade dormia, a situação era inversa. Sem ninguém na rua e sem estabelecimentos abertos para conseguir algum alimento, era preciso revirar o lixo para conseguir matar a fome, segundo Gringo essa era a parte mais difícil de se morar na rua. Ele também conta suas táticas de manguêio e como fazia para roubar chocolates no supermercado – ele dava preferência ao doce por ser uma ‘moeda valiosa’ na troca por droga. Com efeito, esses relatos que Gringo conta traçam não só táticas de sobrevivência na rua, mas também traçam uma forma de aprendizagem embasada nas suas experiências. É um relato que evidencia os traços de como ele se compõe com a rua.

G: A rua, pra mim, foi uma escola. Eu não tive tempo de brincar, não tive tempo de criança. O que eu aprendi foi na rua e ela ensina muitas coisas boas e muitas coisas ruins. Claro que isso varia de pessoa pra pessoa, mas comigo foi assim. Foi na rua que eu aprendi a ser humilde, a escutar as pessoas. O que mais eu aprendi? Aprendi a usar

droga, aprendi a roubar, aprendi a mentir para conseguir aquilo que eu precisava: comida, roupa, dinheiro para droga.

O período vivendo no Kobrasol foi o último em liberdade. Quando fizemos a entrevista (em 2012) faltava uma semana para o fim da sua pena, e se antes ele definiu a rua como uma escola, agora, na condição de preso, ele define a prisão como um quadrado.

G: Quando sair da prisão vou trabalhar, já tenho até lugar para morar. Se voltar para rua, vou voltar para as drogas. Não sinto falta da rua, mas também não tenho o que reclamar. Não é pra todos, mas pra mim até que ela foi boa. Tudo que sei aprendi nela.

A partir do seu relato, Gringo nos revela uma aprendizagem de rua e nos faz compreender um pouco melhor as formas que a rua pode apresentar para cada sujeito que a habita. Para ele a rua pode adquirir contornos mais ou menos agradáveis, mostrando facetas boas e ruins, *“o cara tem que ter sabedoria para sobreviver na rua, senão ele não convive na rua”*. A rua rompe com o conceito cristalizado que a sociedade tem de casa e o mesmo se passa com a noção de aprendizagem. Para o sujeito permanecer na rua é preciso aprender a conviver e a sobreviver na rua, aqui a rua ganha o título de escola, uma escola que não se adequa ao padrão de escolarização, mas nem por isso sua aprendizagem deve ser desprezada. A errância é uma forma de aprendizagem vinculada às experiências da rua, e *“suas experiências são sua vida, o que aconteceu a ele, o que ele viveu”* (LARROSA, 2014, p. 47).

[Volte para *O viajante do universo com Xuxa* – p. 35]

ENTRE GRADES, MEMÓRIAS E PONTES

Eis aqui o que pode ser o começo e/ou o fim do percurso de uma pesquisa sobre o habitar a rua, o lugar onde muitos moradores de rua e andarilhos vão parar: um presídio ou um hospital de custódia. Nesse lugar-prisão tudo começa novamente. O Estado cria mecanismos para capturar as forças intempestivas desses homens que experimentam, sem cessar, o limite da marginalidade.

Este foi meu primeiro contato com o universo da pesquisa e possibilitou observar a cidade sob outra perspectiva, enxergando seus outros pontos que foram essenciais para compor uma

geografia outra, uma geografia da rua. As palavras dos entrevistados têm força para fazer romper uma noção de indivíduo perigoso, com uma noção de cidade e de moradia, com uma noção de aprendizagem.

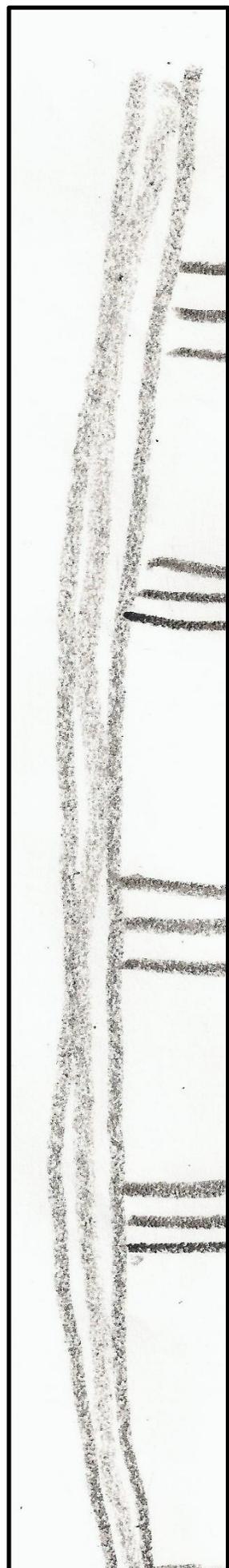
Muitas vidas passam longe dos mapas consolidados pelas forças do Estado e pelo poder de uma cidade dizer sobre si apenas o que interessa às suas estratégias político-turísticas, são vidas errantes cujas cidades que ocupam e as forças que elas movimentam são colocadas à margem da imagem urbana. Nesta andarilhagem, a vivência errante pôde fazer o movimento de traçar linhas que experimentam um devir-louco, que são capazes de dissolver o que até então era familiar – em nós, na cidade, na Geografia, e também na Educação – atuando como uma música que é “feita desses jogos de criar e desfazer lugares” (FERRAZ, 2005, p.38).

Essa cartografia andarilha, composta por linhas mais frágeis, pode gerar uma sensação de desconforto ou de ficção quando em contraste com a rigidez cartesiana dos mapas oficiais, mas essas sensações confusas (em nós) se fazem necessárias numa sociedade contemporânea pautada na informação, pois possibilitam o contato com o outro. Pois é aí, no contato com o outro, na tensão das práticas/estilos do andarilho/nômade, que se cria a possibilidade de pensar uma outra forma de habitar a cidade, de compor para si um lugar na cidade. É preciso construir e desconstruir nosso lugar na cidade, “falamos de construir o lugar, de fazer um canto, de girar em torno de um centro, e tudo isso só surge porque, antes do lugar, está a presença constante de linhas que me tiram do lugar. Que linhas são essas?” (FERRAZ, 2005, p. 38). Com nos diz um dos habitantes da rua: *a rua pra mim foi uma escola*. Tomemos isso. Qualquer espaço educa.

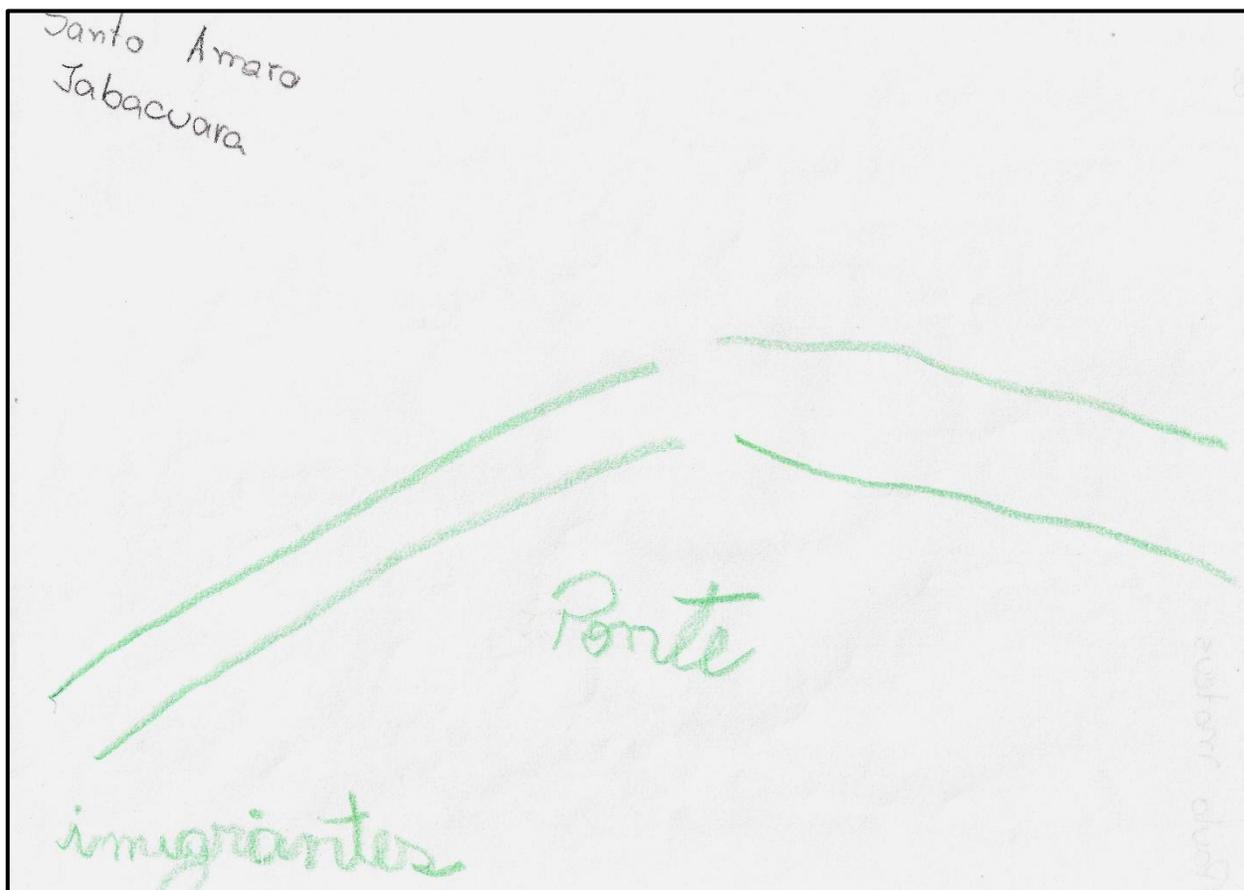
Antes de seguir com a leitura, convido o leitor retorne ao vídeo contido neste capítulo, mas que desta vez permaneça de olhos fechados durante sua execução. Apenas ouça.

ATLAS: CARTOGRAFIAS ANDARILHAS I

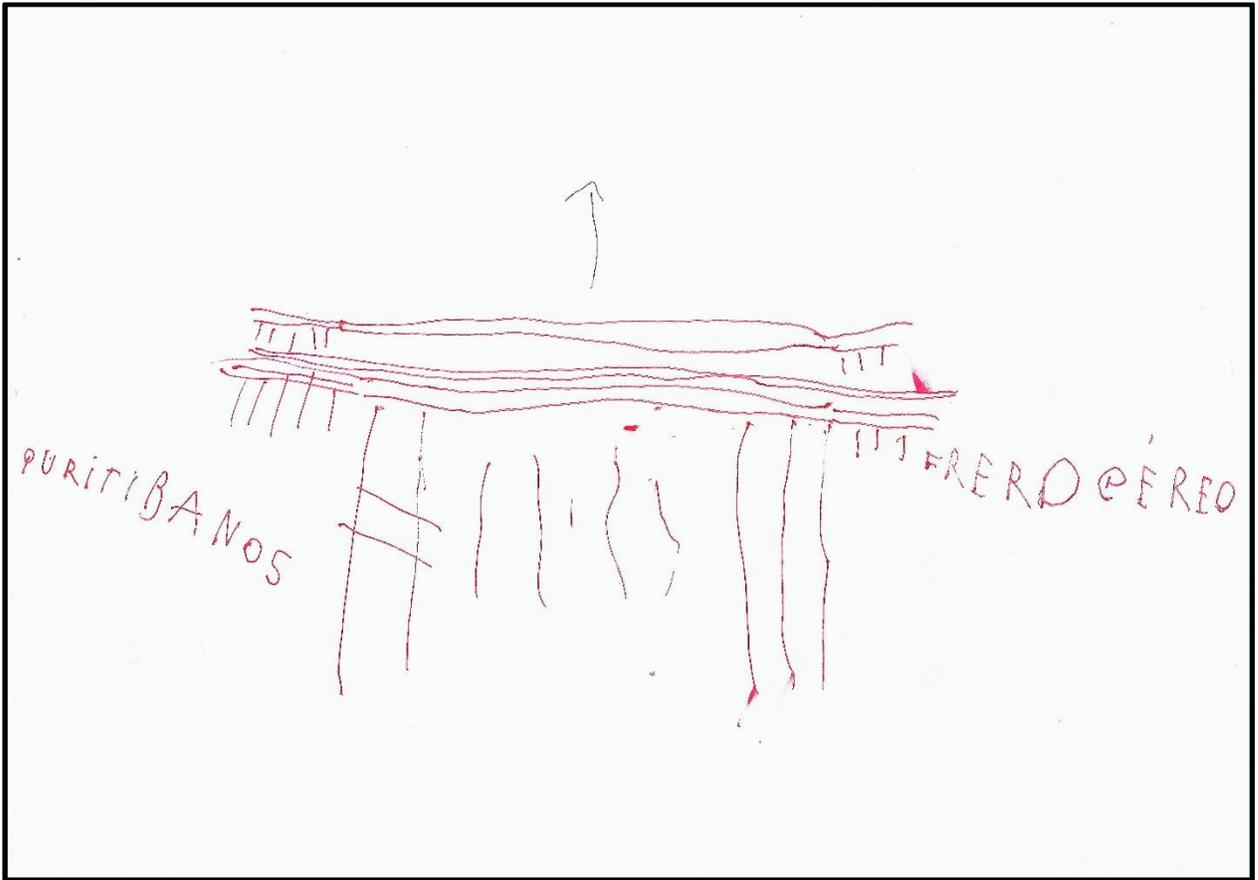
[Desenhos-mapas da rua]



*“O atlas tem essa qualidade: revela a forma das cidades
que ainda não têm forma nem nome”.*
(Ítalo Calvino – *Cidades Invisíveis*)

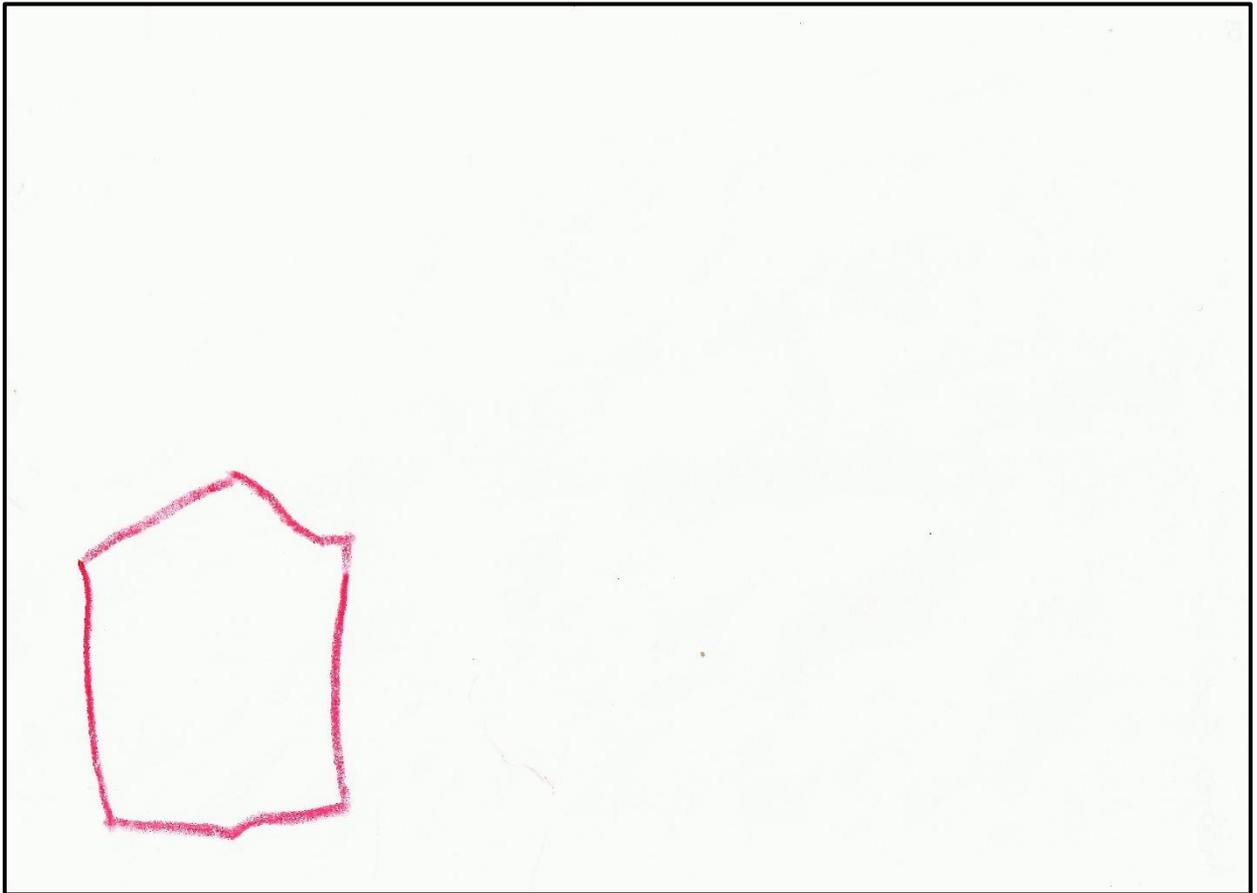


DESENHO-MAPA 01
Autoria | Forasteiro
HCTP | Florianópolis-SC | 2012



DESENHO-MAPA 02
Autoria | Parda
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

*“Nos lugares em que as formas exaurem as suas variedades
e se desfazem, começa o fim das cidades”.*
(Ítalo Calvino – *Cidades Invisíveis*)

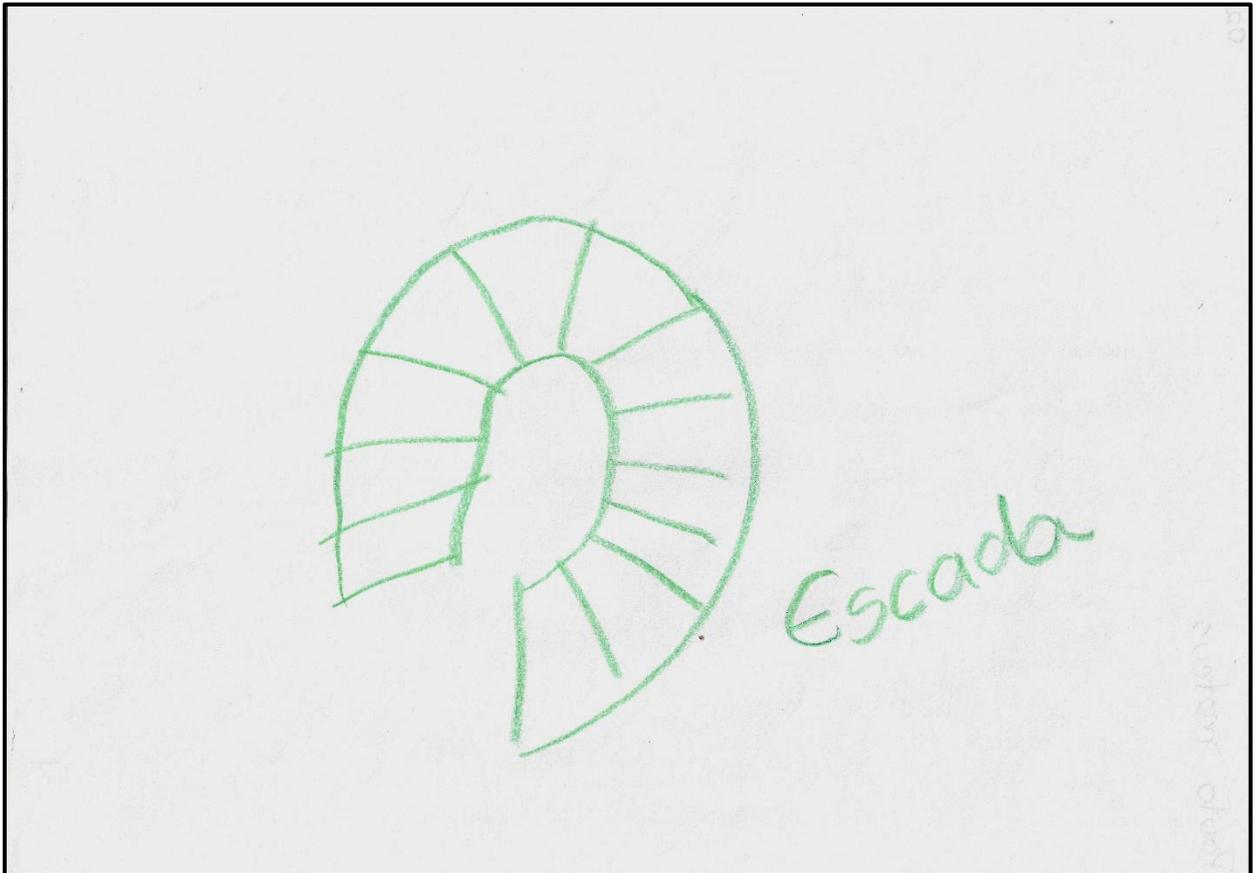


DESENHO-MAPA 03
Auria | Andaleço
HCTP | Florianópolis-SC | 2012



DESENHO-MAPA 04
 Autoria | Forasteiro
 HCTP | Florianópolis-SC | 2012

*“O catálogo de formas é interminável:
enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas
cidades continuarão a surgir”.*
(Ítalo Calvino – *Cidades Invisíveis*)

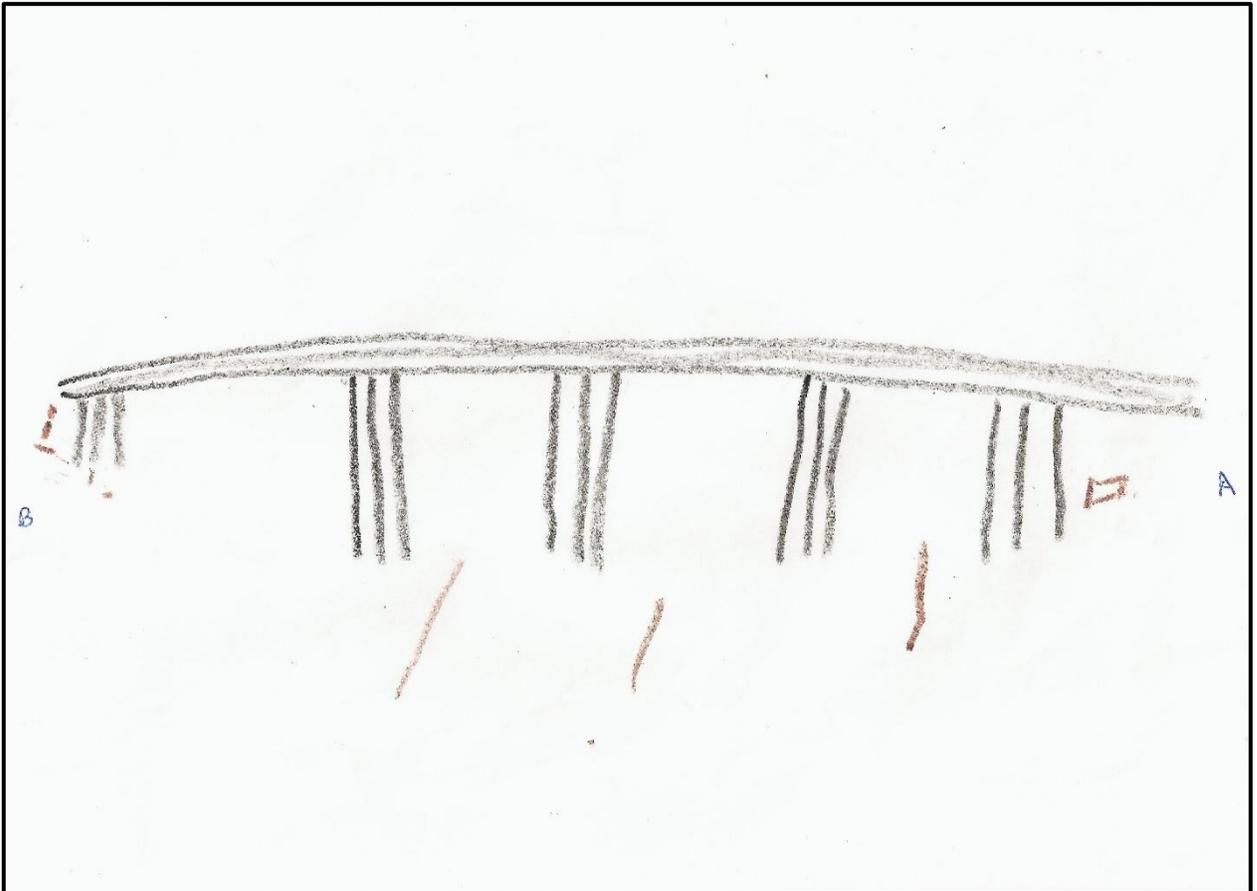


DESENHO-MAPA 05
Autoria | Forasteiro
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

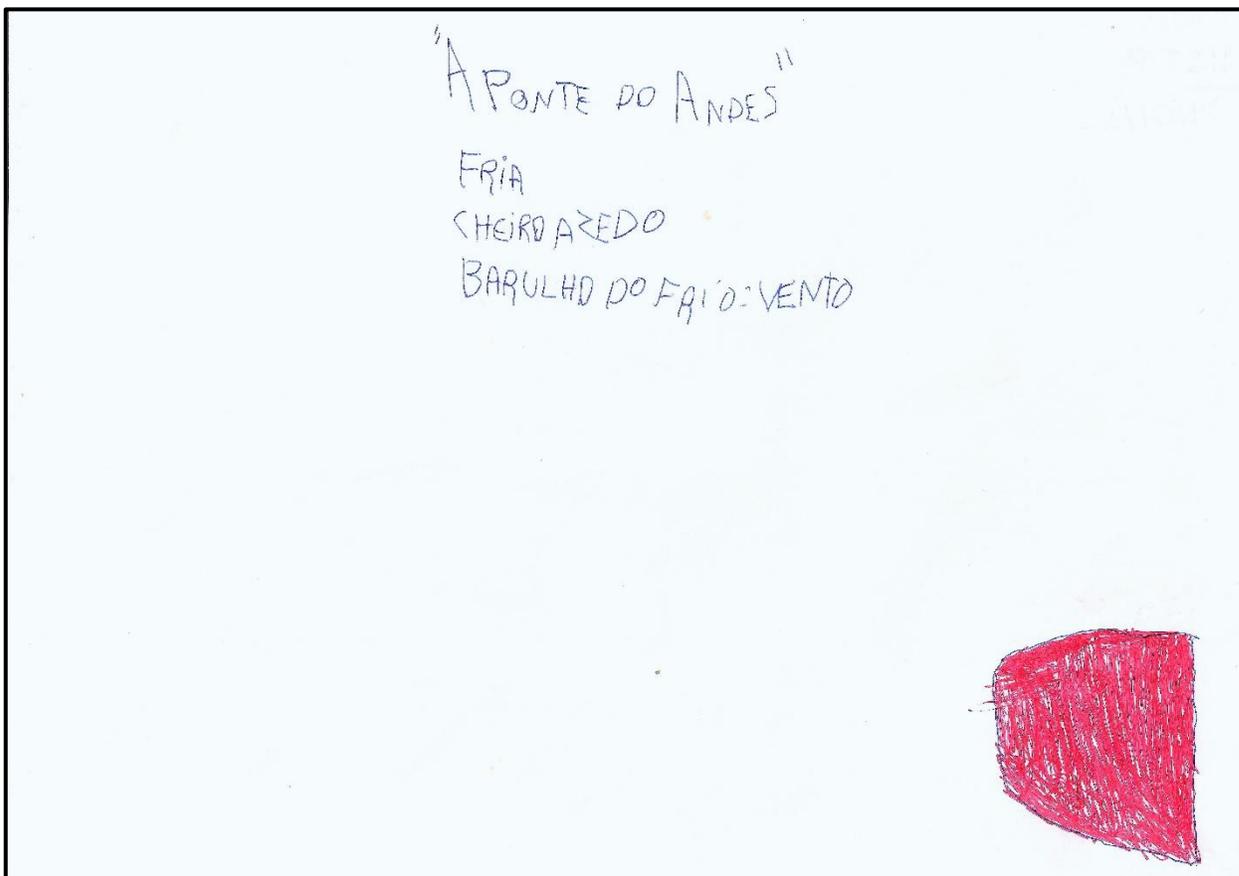


DESENHO-MAPA 06
Auria | Forasteiro
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

“Em miniaturas coloridas, o atlas representa lugares habitados de maneira insólita [...]”.
(Ítalo Calvino – *Cidades Invisíveis*)



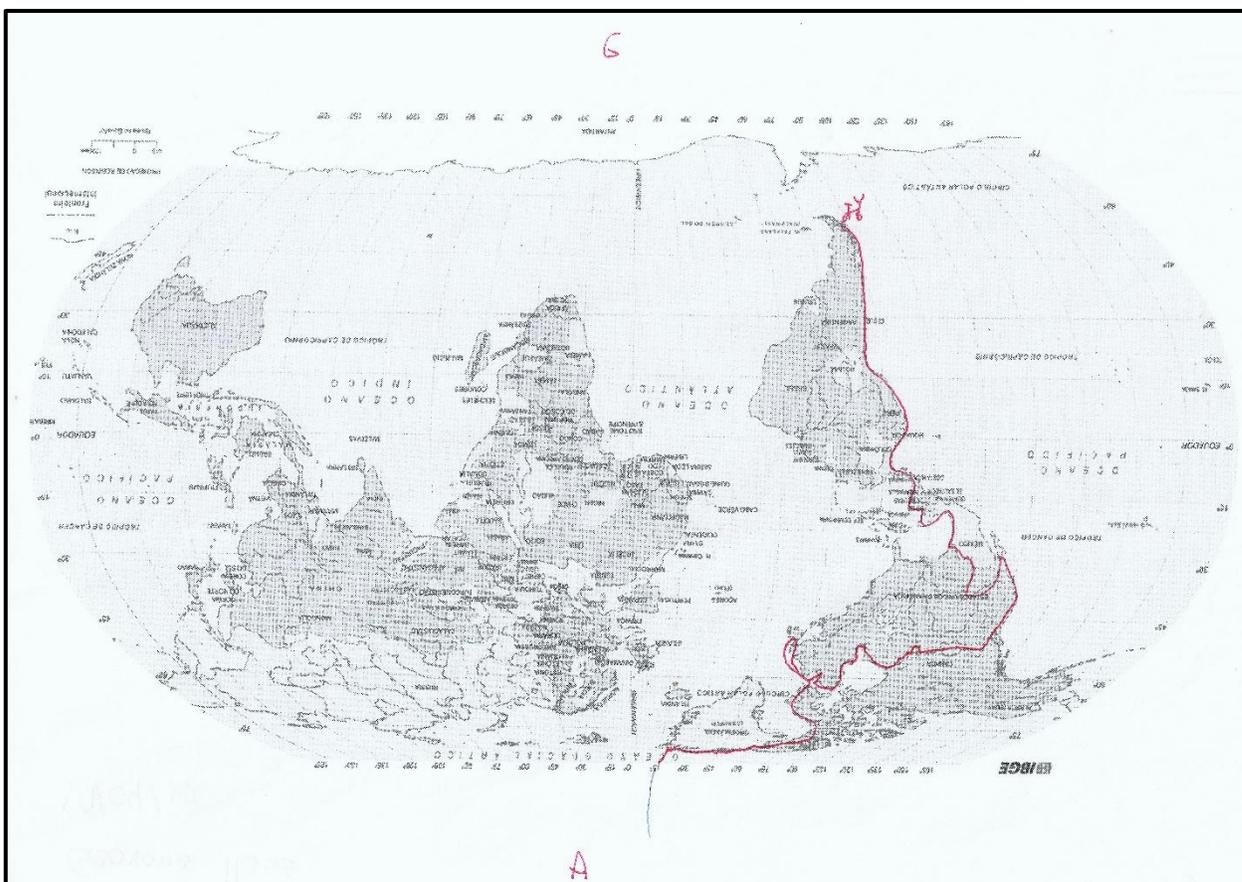
DESENHO-MAPA 07
Autoria | Pardal
HCTP | Florianópolis-SC | 2012



DESENHO-MAPA 08
Autoria | Andes
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

“O atlas também representa cidades que nem Marco nem os geógrafos sabem se existem ou onde ficam, mas que não poderiam faltar entre as formas das cidades possíveis [...]”.

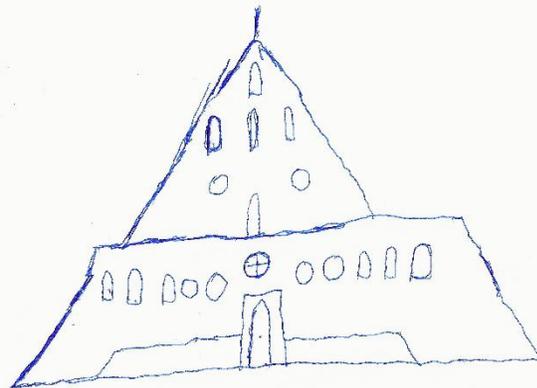
(Ítalo Calvino – *Cidades Invisíveis*)



DESENHO-MAPA 09
Autoria | Xuxa
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

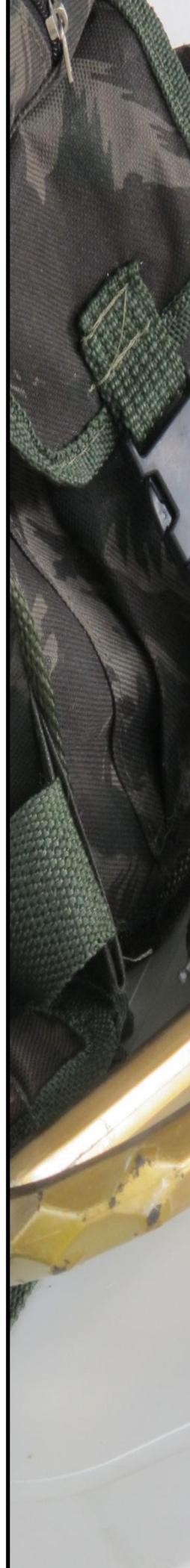
UMA CASA PERTO DO GELO

ANTÁRTICA
11:30h



DESENHO-MAPA 10
Autoria | Charles
HCTP | Florianópolis-SC | 2012

ANDANÇA ERRANTE II
[Construindo espaços entre galos e mocós]



OUTRO COMEÇO, NOVOS ENCONTROS

*Eu já disse quem sou Ele
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beira de rios conchosos.
[Manoel de Barros – O Andarilho] **Parte I***

Durante os três anos que cursei o ensino médio em Joinville, minhas memórias dos fins de tarde das sextas-feiras foram marcantes por dois motivos: primeiro, o absoluto alívio que sentia quando, finalmente, as aulas de educação física chegavam ao fim; segundo, a sensação estranha que preenchia meu peito ao observar os andarilhos que passavam em frente ao meu colégio, indo em direção à única casa de passagem do município. Mesmo hoje não conheço outra palavra para descrever aquela sensação, algo entre receio e angústia, entretanto era algo que me causava certo fascínio. Observava calada eles passarem com seus carrinhos e mochilas e me perguntava por que estavam naquela situação? Essas lembranças ficaram por muito tempo adormecidas em mim, mas não se esvaíram.

Quando terminei o primeiro movimento de pesquisa, percebi que para entender a construção do espaço por moradores de rua era preciso me aproximar efetivamente do habitar a rua. Até o momento não havia tido contato com pessoas que estavam, de fato, vivendo em situação de rua, apenas com sujeitos que já haviam vivido essa situação, mas que naquele momento estavam em confinamento num Hospital de Custódia. Foi então que minhas lembranças colegiais voltaram a me atravessar, tornando muito natural escolher Joinville como campo de estudo desse segundo movimento de pesquisa, além disso, o município também havia sido muito mencionado por dois entrevistados durante o primeiro movimento dessa andança/pesquisa, pois nasceram e iniciaram suas vivências na rua da cidade²⁵.

Mesmo tendo certeza sobre a cidade, encontrei-me paralisada, sem saber como seguir adiante. Como faria as entrevistas sozinha, tive receio em fazer as abordagens diretamente na rua por medo em não saber como seria recebida. Talvez esse meu medo estivesse carregado de estigmas que acompanham os moradores de rua, mas não conseguia simplesmente deixar de senti-lo. Foi então que resolvi buscar por serviços sociais que atendessem pessoas em situação de

²⁵ Joinville foi mencionada tanto pelo Xuxa quanto pelo Gringo.

rua de Joinville, assim me sentiria segura e ainda teria a possibilidade de conhecer as políticas sociais do município destinadas às pessoas em situação de rua.

Segui para o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua de Joinville (Centro POP), localizado no bairro Bucarein, próximo a região central de Joinville. O Centro POP é vinculado à Secretaria de Assistência Social de Joinville (SAS)²⁶, e está previsto pelo Decreto nº 7.053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, devendo oferecer o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, além de proporcionar vivências que possibilitem a saída das ruas, respeitando a autonomia e escolhas do usuário.

Parte fundamental dos trajetos de moradores de ruas são as entidades de acolhimento e de serviços voltados a essa população – sejam instituições de caridade, órgãos do governo ou organizações governamentais – essas instituições sempre estiveram presentes no universo da rua.

Tais ‘equipamentos’ são constitutivos desse universo limiar; servem como fonte de recurso e oportunidades no deslocamento do habitante de rua; procuram minimizar as suas condições de sofrimento e passam a ser eventualmente os medidores de relações de conflito entre eles e os agentes que promovem sua expulsão dos lugares, ou entre eles e a opinião pública. Mas as redes institucionais também alimentam este circuito de rua, produzindo sua clientela e sendo produzida por ela (FRANGELLA, 2009, p. 38)

No Centro POP, entre os serviços disponíveis o usuário pode receber encaminhamento para obter documentação; passagem para voltar a sua cidade de origem, se for confirmado que alguém da família está disposto a acolhe-lo; pode participar de atividades educativas. Além disso, todas as manhãs o Centro POP fornece café da manhã, banho e espaço para lavar e secar suas roupas. São aproximadamente 35 atendimentos diários, sendo 25 pela manhã para o café da manhã e banho.

Minhas idas ao Centro POP foram mais frequentes no período matutino, quando ajudava a servir o café da manhã e em seguida fazia breves entrevistas com os sujeitos que aguardavam na fila do banho ou estavam na recepção aguardando atendimento. Mas também fui em algumas tardes, apesar do movimento ser bem menor. Ao todo formam 12 dias dedicados a entrevistas e observação, possivelmente, teria criado um vínculo de confiança maior com os entrevistados se os encontros tivessem sido mais recorrentes e longos, e assim, os dados obtidos poderiam ser

²⁶ Apesar de reconhecer a importância dos serviços sociais, esse não é o campo de estudo desse trabalho, de modo que não irei me estender sobre as informações técnicas do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. A título de reconhecimento, foi organizada uma tabela (Anexo I) contendo algumas informações acerca das instituições sociais e normativas que atendem a população em situação de rua.

outros. De qualquer forma, não estava ali para duvidar daquilo que me era dito, meu objetivo era simplesmente ouvir.

Assim como Truman Capote em ‘A Sangue Frio’, acredito que “a anotação e a gravação prejudicam o tempo dedicado à observação dos personagens e do ambiente, e intimidam os entrevistados[...]” (CAPOTE, 2003, p. 428). Desse modo, os registros feitos no meu caderno de campo eram realizados depois dos encontros, rememorando conversas e acontecimentos, muitas vezes isso de dava no caminho de volta para casa, quando estacionava o carro para fazer anotações. A estratégia adotada, no entanto, tem como desvantagem o risco a perda de materiais que fogem da memória em sua totalidade ou na sequência dos fatos ocorridos, ou que surgem apenas depois de algum tempo ter se passado. Excepcionalmente, duas entrevistas foram gravadas: uma com educadoras do Centro POP e a outra com o Alemão²⁷. Minha entrevista com o Alemão se deu no seu barraco/casa, localizado em uma ponte da Zona Industrial Norte de Joinville e foi o único encontro realizado fora das dependências do Centro POP,

Para esse trabalho, todos os nomes e apelidos foram substituídos por nomes comuns, afim de preservar a identidade dos entrevistados. As falas dos entrevistados, retiradas das minhas anotações do caderno de campo, irão aparecer em itálico ao longo do texto. Também é preciso esclarecer que, ao contrário das entrevistas feitas no primeiro movimento da pesquisa, onde me encontrava sozinha em uma sala com entrevistados que não tinham para onde ir porque estavam cumprindo pena, muitas vezes não estava sozinha com os entrevistados ou a conversa era interrompida por outros sujeitos. Ademais, devia ser breve nas minhas abordagens pois meu tempo de entrevista era curto, ficando restrito ao período de espera dos atendimentos ou enquanto durasse a curiosidade em saber quem eu era e o que estava fazendo ali, tal fato fez com que conversasse apenas uma vez com alguns e com outros tive mais encontros. Essa inconstância será percebida ao longo do texto, pois alguns sujeitos irão aparecer apenas uma vez de forma muito breve, enquanto outros se repetem. Talvez isso torne a leitura um pouco confusa, mas é um efeito inevitável.

Em certos momentos tive dificuldade para me aproximar e obter respostas mais precisas, mais de uma vez me disseram que era “*muito menina*” para estar ali e nesses casos sentia que não era levada a sério. Como alternativa, ou ‘entrava no jogo’ e seguia com uma conversa mais descontraída; ou buscava repetir as perguntas, fazendo uso de outras palavras, de modo a obter

²⁷ Nome fictício.

maior fidedignidade nas informações. Apesar dessa dificuldade, entre as 15 pessoas com quem conversei, tive uma proximidade maior com quatro entrevistados que me possibilitaram experiências muito esclarecedoras sobre o habitar a rua.

Conforme conhecia melhor as histórias dos sujeitos que frequentam o Centro POP, me dava conta daquilo que lhes era fundamentalmente importante para a construir um lugar para si na cidade. Foi justamente a partir desse ‘dar-se conta’ que passei a fotografar galos, carrinhos e sacolas, objetos imprescindíveis aos habitantes das ruas. Enquanto cartógrafa andaleça, também fotografei alguns lugares citados por entrevistados, o barraco/casa em cima da ponte onde o Alemão mora, as roupas estendidas no varal do Centro POP.

“De que modo dizer o mundo com um mapa que se contenta em representa-lo e reduzi-lo a convenções conceituais?” (ONFRAY, 2009, p.19). Essas fotografias estão inseridas em um contexto de espacialidade, por apresentarem as sutilezas com que moradores de rua criam seus espaços na cidade. Nesse sentido, lhes atribuo o ‘título’ de fotografias-mapa, por comporem uma imagem das espacialidades do viver na rua.

Mapa é imagem. Tangível, virtual ou mental evoca, sempre, a imagem de um território. A noção de território aqui é a mais ampla possível, podendo referir-se tanto aos recortes de natureza político-administrativa/jurídica [...] como ao conjunto de elementos articulados em dimensões culturais e simbólicas (GIRARDI, 2009, 147).

Pela ótica da cartografia oficial, fotografias-mapas tratam-se de mapas inúteis por não abarcarem representações georreferenciadas, “mas um mapa de uma geografia não é aquela geografia – ou aquele espaço – mais do que uma pintura de um cachimbo é um cachimbo” (MASSEY, 2013, p. 160). É preciso torcer a noção de mapas cartesianos até que “as referências tornam-se móveis e o próprio móvel já não é uma questão de posição, mas de relação” (GODOY, 2013, p. 212).

Seguindo no texto, esse capítulo apresenta divisões que marcam os transbordamentos dos encontros, aquilo que ficou na minha bagagem depois que segui viagem na minha andança. Os relatos não seguem, necessariamente, a ordem cronológica dos fatos, eles irão aparecer ao leito conforme me colocaram em movimento.

QUAL O PERFIL DE QUEM HABITA AS RUAS?

*Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a glória perfeita.
[Manoel de Barros – O Andarilho] **Parte II***

Existe uma carência em estudos sobre moradores de rua, sobretudo na área da geografia, fato este que se torna ainda mais evidente quando buscamos por dados censitários desse segmento social. Esses indivíduos não são incluídos nos censos demográficos brasileiros, e de outros países, fundamentalmente porque a coleta de dados dos censos é de base domiciliar. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE não possui números nacionais oficiais para disponibilizar, pois até o último Censo (2010) não incluía em sua contagem moradores de rua, sem-teto e andarilhos por não possuírem moradia fixa²⁸.

Atualmente, a única pesquisa nacional abrangendo a população em situação de rua foi feita pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS em 2007, onde foram percorridas 71 cidades do país, contabilizando 31.922 adultos morando em logradouros ou albergues²⁹. Se somarmos a esse contingente os resultados de estudos conduzidos em São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre – que não integraram a pesquisa nacional – estima-se que existam mais de 50.000 pessoas morando em vias públicas ou albergues no Brasil³⁰. Embora seja um número expressivo, deve-se atentar que as pesquisas não consideraram andarilhos e trecheiros percorrendo as estradas, e também não contabilizaram crianças e adolescentes vivendo em situação de rua. Também cabe considerar que essas pesquisas foram realizadas em momentos distintos e seguindo metodologias diversas, não sendo possível aferir o total da população em situação de rua no país apenas somando os dados obtidos e, além disso, tais estudos apenas abordaram um conjunto de municípios brasileiros, não sua totalidade.

²⁸ Entre os dias 19 e 20 de novembro de 2013, o IBGE realizou na cidade do Rio de Janeiro uma pesquisa experimental por amostragem com o objetivo de preparar o Instituto para incluir essa parcela da população no próximo Censo em 2020. Na pesquisa foram realizadas 100 entrevistas com pessoas em situação de rua, sendo 20 em abrigos e 80 nas ruas. Cf. Notícia: Secretaria de Direitos Humanos, 2014.

²⁹ O levantamento abrangeu um conjunto de 71 cidades brasileiras, desse total, fizeram parte 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independentemente de seu porte populacional. Entre as capitais brasileiras não foram pesquisadas São Paulo, Belo Horizonte e Recife, que haviam realizado pesquisas semelhantes em anos recentes, e nem Porto Alegre que solicitou sua exclusão da amostra por estar conduzindo uma pesquisa de iniciativa municipal. Cf. Sumário Executivo - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2008).

³⁰ Número retirado da cartilha de Perguntas e Respostas: Centro POP. Cf. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011).

Tendo como base apenas a pesquisa realizada pelo MDS em 2007, o perfil dos brasileiros que vivem em situação de rua é formado em sua maioria por indivíduos do sexo masculino (82%); com idade média entre 25 e 44 anos; na maioria negros (67%); que recebem em média entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00 semanais, sendo que grande parte exerce alguma atividade remunerada (70,9%) e apenas uma parcela sobrevive de mendicância (15,7%); parte considerável é originária do município onde se encontra ou locais próximos; a maioria costuma dormir na rua (69,6%), seguido por albergues (22,1%); grande parte não participa de qualquer movimento social (95,5%); cerca de 24,8% não possuem qualquer documento de identificação; o direito ao voto não é exercido por 61,6%; e a maioria não é atendida por programas governamentais. Dentre as razões para se estar na rua destacam-se: alcoolismo (35,5%), desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%)³¹.

Entre os municípios brasileiros, São Paulo é o que oferece mais dados e pesquisas envolvendo essa população, sendo que a primeira contagem de pessoas dormindo nas ruas ocorreu em 1991 (FRANGELLA, 2010, p. 74). Desde então, a Secretaria Municipal de Assistência Social já realizou diversas pesquisas censitárias. Nesse ano (2015), a Prefeitura de São Paulo já disponibilizou a cartilha atualizada com os resultados do Censo da População em Situação de Rua obtidos pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, onde contabilizaram 15.905 pessoas vivendo entre logradouros e albergues paulistanos³². Ao longo de anos, o poder municipal de São Paulo vem construindo gradualmente uma rede política que projeta o morador de rua como sujeito de direito; o que reduz a violência institucional, abre caminho para ocupações de trabalho e proporciona uma referência mínima de cidadania (FRANGELLA, 2010, 95).

Em Joinville, a Prefeitura não possui dados censitários sobre a população que vive em situação de rua no município, ou se possui, não tive acesso a essas informações em minhas buscas em campo. De acordo com as educadoras do Centro POP, estima-se que aproximadamente 1.000 pessoas fazem das vias públicas joinvillenses local de morada, e entre eles, cerca de 250 buscam por atendimento no Centro POP – tendo como base os atendimentos mensais. Ainda segundo as educadoras, a maioria não é natural de Joinville, vindos, sobretudo, do Paraná em busca de emprego e acabam ficando em situação de rua ao se depararem com situações que não

³¹ Idem 26.

³² Cf. Prefeitura de São Paulo, 2015.

esperavam – desemprego, falta de abrigo, roubos. Também existe um grande fluxo de trecheiros e andarilhos, mas estes não costumam se fixar por muito tempo. Entre os moradores de rua, a grande maioria é alcoólatra, seguido por usuários de drogas – principalmente crack e cocaína. Conforme as educadoras, entre os que frequentam o Centro POP, a maioria são jovens (entre 27 e 42 anos), poucos são analfabetos (a maioria fez o Ensino Fundamental) e apenas 10 usuários foram diagnosticados com algum distúrbio psíquico.

O município não fornece nenhum albergue temporário, e não há nenhuma perspectiva para criação de um. A única casa de acolhida que existe na cidade é vinculada a uma instituição religiosa, a Arca da Aliança, sendo mais destinada para pessoas de passagem, pois a permanência máxima é de três noites sem contar fins de semana e feriados. A Casa Marta e Maria³³ oferece 16 leitos masculinos e seis leitos femininos e os albergados recebem janta e café da manhã. A falta de albergues na cidade foi uma reclamação constante entre os entrevistados vindos de fora da cidade, que declaram não haver tempo suficiente para conseguirem emprego em apenas três dias. No entanto, entrevistados naturais de Joinville ou que já se fixaram na cidade, afirmam não ter interesse em albergues principalmente pela falta de flexibilidade de horários.

Todas essas informações podem ser muito úteis para o Estado e instituições (públicas, privadas ou religiosas) criarem uma rede de atendimento que atenda às necessidades da população em situação de rua, de modo que se estabeleça, efetivamente, a constituição da categoria como sujeitos de direitos. Mas, é preciso ressaltar, se não houver um diálogo efetivo entre o poder público e a população em situação de rua, nenhuma política pública irá, de fato, trazer alguma melhoria para o problema social e habitacional que envolve os sem-teto urbanos.

Analisando os dados nacionais, estaduais e municipais – ou a falta deles – parece haver uma espécie de vazio comunicativo, pois esses dados não me respondem como esses indivíduos se compõem com os espaços que habitam. Ademais, de certa forma, tais informações corroboram com uma imagem já estigmatizada do morador de rua e o intento deste trabalho é, justamente, apresentar algo que vá além do clichê. “O clichê não se introduz, ele já está lá e é contra ele que é

³³ Essa casa de passagem é a mesma que citei no início desse capítulo, das minhas lembranças colegiais. Durante a pesquisa fiz duas visitas para conhecer as dependências e o funcionamento da Casa Marta e Maria, mas não fiz entrevistas no local. O site da casa de passagem está disponível em: <<http://arcadaalianca.com.br/obras-sociais/casa-marta-e-maria>> acesso em maio de 2015.

preciso lutar cotidianamente para que possamos começar a pensar, sentir e perceber de outro modo” (GODOY, GUIMARÃES, REIGOTA, 2010, p. 5)³⁴.

É preciso deixar claro que defendo políticas públicas que atendam às necessidades dessa população, sei da importância de dados censitários que mostrem a dimensão dos problemas sociais e habitacionais vividos por esse segmento social. Também acho necessário que o Estado invista em instituições que possibilitem a autonomia e saída das ruas daqueles que buscam por outra condição de vida; mas o Estado também precisa respeitar o indivíduo que decidiu viver na rua – e o respeito não se dá com políticas higienizadoras, ações tão comuns em grandes centros urbanos que apenas farei uma breve menção a violência institucionalizada e arquitetura antimendigo vista em pontos de ônibus, bancos de praça, espaços embaixo de pontes e marquises. Entretanto, acredito que o caminho que irá trazer resultados mais efetivos é através de uma interlocução clara e efetiva. Estudos de caráter quantitativo não incorporam as singularidades que essa população vive, é preciso mais que diagnósticos sociais numéricos. Os sujeitos mais qualificados para dizerem algo sobre o morar nas ruas são os próprios moradores de rua, é necessário ouvi-los³⁵.

Não são números que moram embaixo de pontes, não são porcentagens que darão visibilidade às múltiplas cidades invisíveis, não são mapas cartesianos que irão mostrar as linhas de força que tecem as aprendizagens de rua. É preciso ir adiante. É preciso ir além do clichê.

APRENDIZAGENS DE SOBREVIVÊNCIAS

*Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.*

³⁴ Citação foi retirada do texto *Educação Ambiental: um prólogo e três episódios de re(existência)*, escrito por Ana Godoy, Leandro B. Guimarães e Marcos Reigota. Esse texto tem a peculiaridade de ser assinado pelos três autores, mas cada um possui o meu episódio individual. Aqui apenas cito o episódio "Uma vida potente" escrito por Ana Godoy (p. 02-10).

³⁵ Talvez, um primeiro passo nesse sentido esteja sendo dado pela Prefeitura de São Paulo, que prevê para esse ano um projeto piloto de uma abordagem diferenciada, que consiste na contratação de quinze moradores de rua da capital paulista como pesquisadores pela prefeitura. Durante um ano, eles irão realizar pesquisas qualitativas com pessoas em situação de rua em várias regiões da cidade e serão remunerados com um salário mínimo. Cf. Brasil Post (2015).

Organizando o seu cotidiano através de práticas diversas, habitantes de rua movem-se de acordo com as oportunidades fortuitas, deslizando entre regras e valores sociais (BROGNOLI, 1996, p.121). Saber onde conseguir comida, onde ficam os pontos seguros para dormir, aprender a conviver em grupos ou sozinho, ter um certo desapego material, saber manguear, roubar, prostituir-se, fazer artesanato:

[e]stas atividades também representam uma adaptação dos habitantes de rua às condições espaciais e sociais, particularmente no centro das cidades. Cada uma delas pressupõe interações sociais com segmentos diferenciados, expondo o atrito das fronteiras simbólicas que marcam as disputas identitárias do uso do espaço urbano. Técnicas corporais também se diversificam nestas atividades liminares, aprendidas na rua a partir de códigos compartilhados e manipuláveis de modo a adequarem-se à faixa etária, ao gênero e ao próprio tempo de rua (FRANGELLA, 2010, p. 37).

O movimento nômade dos moradores de rua é marcado, em geral, de forma oposta ao sedentário, que se insere numa lógica de consumo e domesticação. A itinerância propicia e condiciona as práticas sociais dos moradores de rua, tendo início no aprendizado dos mecanismos de sobrevivência. Esses mecanismos também podem ser chamados de viração, no sentido de criatividade e habilidade aprendidas na rua para obter recursos (FRANGELLA, 2010, p.35). A aprendizagem é dada pela experiência da rua, tida através de suas corporalidades, pelo modo de habitar e se compor com a cidade, de sobreviver na errância. Nas palavras de Larrosa (2014, p. 43)

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, possibilidade, criação inversão, acontecimento.

O ato de comer

A busca por comida é um dos principais eixos que fundamenta os trajetos a serem percorridos na cidade. Como possível alternativa, moradores de rua mantêm relações amistosas

com donos de restaurantes, bares, padarias, vizinhos dos locais onde constroem seus mocós. Em Joinville, outra opção seriam uma das duas unidades de Restaurante Popular (com maior parte do custeio de verbas federais e outra parte municipal), que serve comida por preços populares e para os cadastrados no Centro POP a alimentação é gratuita. Entretanto, a Unidade do Bucarein, localizada na mesma rua do Centro POP, está fechada para reforma e modernização desde novembro de 2013 sem data prevista para reabertura. A segunda unidade – e única em funcionamento – está localizada no bairro Adhemar Garcia, na zona sul da cidade. Os moradores de rua entrevistados afirmam que não frequentam a segunda unidade pois ela fica muito afastada da região central, mas que iam com frequência na unidade do Bucarein quando ela estava em funcionamento.

Entre os entrevistados, o único que não fez relatos sobre deslocamentos para alimentação foi o Alemão, que vive numa barraca em cima de uma ponte na Zona Industrial Norte de Joinville, próximo as universidades. Quando o entrevistei era perto do meio-dia e, enquanto conversávamos, um carro preto parou em frente à sua barraca e de dentro do veículo desceu uma senhora carregando uma marmita e uma garrafa de suco que foram prontamente recebidos por Alemão. *“Ela é dona de um buffet, tem cozinha industrial e essas coisas. Todos os dias ela vem e me entrega uma marmita e um pouco de suco. Metade eu como agora e a outra metade de noite, é o suficiente pra mim”*, explica. Algumas pessoas que passam também lhe entregam bolachas e outros lanches, por isso ele não vê necessidade em fazer percursos em busca de alimento.

Segundo Frangella (2010, p. 168), existem basicamente dois circuitos relativos à comida observáveis. O primeiro é aquele no qual o morador de rua obtém alimentação de espaços outros que não o da rua (entidades assistenciais, restaurantes populares e comerciantes à sua volta). O segundo diz respeito ao processo de encontrar, elaborar e comer o alimento na rua, dependendo do tipo de alimento encontrado e da possibilidade de cozinhá-los. *“Esse circuito tem a propriedade interessante de trazer a cozinha para a rua. Esta, usualmente associada ao mundo privado, aqui persiste no domínio público [...]”* (idem. p. 169).

Lojinha e Goró

Era quase meio-dia e a maioria dos moradores de rua já haviam deixando o Centro POP. Em um banco ao lado da recepção, Joca e Dona Ana permanecem conversando. Ainda não tinha

conversado com eles, apesar de já tê-los visto em outras idas ao Centro POP, nessa manhã Dona Ana me convida a sentar com eles e assim começamos uma conversa. Joca é bem jovem, tem 22 anos e foi para a rua ainda adolescente por conta da droga. Ele conta que logo vai deixar as ruas, pois pretende alugar um apartamento com um colega. Dona Ana é uma veterana das ruas, e apesar de pintar seu cabelo de loiro é possível ver seus fios brancos, mesmo que o olhar seja um pouco triste, ela está sempre sorridente. Ela conta que nem sempre morou na rua, mas entre idas e vindas já se vão 15 anos. Em seguida pergunto sobre trabalho,

D. A: Não faço nada – Joca ri com a resposta.

J: Mas hoje você vai cuidar da lojinha.

A princípio fico sem entender, mas Joca me explica que fazer lojinha, trabalhar na loja ou alguma variável nesse sentido, significa trabalhar no ponto ou com repasse de droga. Nesse mesmo dia, durante a tarde, enquanto conversava com Pita e Pablo, dois trecheiros que aguardavam o horário de irem para Casa Marta e Maria, aparece Rud visivelmente alterado. Ele vai na recepção, pega um copo d'água e logo vai embora. Enquanto observamos Rud passar cambaleante pelo espaço aberto do portão, Pita solta uma leve risada “*esse daí tomou um goró daqueles!”*”.

Droga e álcool são elementos principais nas interações sociais e em torno deles muitas atividades cotidianas são organizadas, sobretudo, o álcool. Muitas vezes, a ação de acharque tem como objetivo principal obter dinheiro para bebida.

A necessidade do álcool não se reduz, no entanto, às exigências postas pela dependência, mas se amplia como suporte da vida cotidiana desenrolada em público – redução da inibição –, como máscara para o desempenho de papéis (no acharque, por exemplo); como ‘anestésiante’ das condições duras da vida na rua – o frio, a fome e as lembranças ruins [...] (BROGNOLI, 1996, p. 163)

Sociabilidades

Habitantes de rua se organizam socialmente de duas maneiras: em agrupamentos ou sozinhos. Em Joinville, existe três principais agrupamentos: o grupo da Dona Ana que se reúne da Estação da Memória (antiga ferroviária); o grupo da rodoviária; e o grupo que fica nos arredores do Mercado Público. Notei que existe certa amistosidade entre os grupos, embora possa existir alguns conflitos que não ficam evidentes por conta do caráter institucional do Centro POP. Alguns me relataram que preferem manter distância dos arredores do Mercado Público por ser

território do Barba, um morador de rua com histórico violento que, embora frequentasse o Centro POP, não cheguei a entrevistar. Em compensação, Seu Chico prefere seguir seu caminho de forma solitária para evitar contratempos: *“tem muito roubo entre o pessoal que mora na rua, prefiro ficar afastado, no máximo com minha companheira. Tem muita gente boa na rua, sabe? Mas também tem gente desonesta”*.

Ao falar de interações sociais, é preciso salientar que as relações de sociabilidade entre habitantes de rua são constituídas a partir de um molde itinerante. A vivência em grupo ou de forma solitária é uma característica que pode variar de acordo com o espaço e temporalidade. Muitas vezes, papéis familiares são reproduzidos por pessoas ou grupos que compartilham o mesmo espaço. Normalmente, base de sociabilidade está presente nas trocas e na compra de bebida, comida, droga, roupas, entre outras mercadorias. Relações de vizinhança ou que simulam papéis familiares também são percebidas entre os sujeitos que habitam o universo da rua (FRANGELLA, 2010, p. 37).

Dias de chuva

Dia de chuva é sinônimo de recepção cheia no Centro POP. Vários entrevistados falaram que a pior parte de morar na rua é quando chove. *“A gente não têm como se proteger, então qualquer beirada de teto já é um abrigo. Sem falar que é ruim pra dormir, por causa do chão molhado”*, conta Matias. *“Tem que ser criativo nessas horas e dar um jeito de se proteger”*, complementa Carlos. Maria diz que por ser mulher consegue pedir abrigo mais fácil que os homens, *“principalmente em dias de chuva, as pessoas se comovem mais fácil quando é uma menina pedindo”*. É preciso se virar como possível, fazendo uma cobertura improvisada ou buscando por um teto que os abrigue melhor – uma marquise, um estacionamento coberto, a rodoviária.

Artesanato

Numa manhã, observo Seu Chico sentado na calçada ao lado do Posto de Saúde, localizado na esquina da rua do Centro POP. Ele comia seu almoço – uma mistura de arroz

servida em um prato feito com a embalagem de uma garrafa d'água de 5 litros – enquanto esperava sua companheira fazer alguns exames na unidade de saúde. Seu Chico tem diabetes, mas não resiste a um doce, quando pergunto se posso lhe fazer companhia ele logo indaga se eu não teria *“uma balinha para sobremesa”*, mas não tinha nada para oferecer além da minha escuta. Enquanto conversamos, Seu Chico diz que já está cansado e velho demais para viver rua. Ele me conta que antes trabalhava como pedreiro, mas depois de uma cirurgia – ele mostra a cicatriz vertical no seu abdômen – não pode mais levantar peso e teve que deixar o trabalho. *“Fui trabalhar com reciclagem, catando latinha e faço isso até hoje. Não tenho família nem filhos. Antes tinha uma casinha nos fundos de um terreno, lá em Barra Velha. O dono do terreno me deixou ficar lá, mas a mulher que era minha companheira na época era um pouco louca e colocou fogo na casa. Depois do fogo não sobrou nada, fiquei só com o carrinho de reciclagem e a roupa do corpo”*.

Parte das latinhas que recolhe no lixo e nas ruas ele vende em oficinas de coleta de reciclagem que compram alumínio, a outra parte Seu Chico transforma em artesanato, *as panelinhas*, como chama. Ele costuma vender suas panelinhas no centro da cidade, na região do terminal central de ônibus urbano. Enquanto conversamos, sua companheira, Dona Luísa, chega dos exames e já saca da bolsa um maço de cigarros: *“Você me acompanha? O Chico não fuma, só bebe comigo”*, me pergunta, recuso o cigarro, mas antes de ir embora compro duas panelinhas de Seu Chico.

Seu Chico não é o único frequentador do Centro POP que se utiliza de artesanato como forma de conseguir algum dinheiro. Não cheguei a conhecer o rapaz, mas fico sabendo que um dos usuários faz flores com folhas de palmeiras, *“ficam bem bonitas”* me garante Dona Ana. Antônio é outro que faz artesanato com materiais que encontra na rua: *“fio de luz pode virar apanhador de sonho, um pedaço de brinco ou de chaveiro vira um colar, e assim vai indo... as vezes coloco esse brinco de pena e esse colar, depois saio pela rua dizendo que sou cigano para vender meu artesanato”*.

Enquanto conversamos, Antônio prepara um colar feito com linha encerada e um pedaço de brinco que achou no chão. Ao nos despedirmos, ele me entrega o colar junto com um filtro dos sonhos cuja estrutura é feita com fios de cobre *“pode ficar, são um presente”*.



Imagem 01 – Panelinhas do Seu Chico – Fonte: Denise Datria Schulze



Imagem 02 – Artesanato do Antônio – Fonte: Denise Datria Schulze

Trabalho

Em um final de manhã, voltando para casa, paro o carro em um sinal vermelho em frente ao antigo Shopping Americanas. Enquanto espero a mudança de cores do semáforo observo que Guto estava vendendo balas no semáforo. Mais cedo naquela manhã havia conversado um pouco com Guto no Centro POP e quando lhe disse que fazia Geografia ele logo me chamou de professora. Ao me avistar no semáforo logo me reconheceu: “*Quer uma bala professora?*”, comprei o doce e ele seguiu para o próximo carro com sua caixa de balas.

O trabalho informal e eventual aparece frequentemente como uma prática de viração ao lado de outras formas menos legítimas de acordo com ‘códigos morais’, como mendicância, furto

e lojinhas. Entretanto, por mais que a ideia de labor esteja ligada de modo geral ao sedentarismo, o trabalho eventual produz uma certa inversão dessa noção. Segundo Brognoli (1996, p. 125), “ao invés do elo de fixação o que ocorre é que o trabalho se torna um modo de se manter em movimento porque através dele se obtêm recursos suficientes para a subsistência na estrada por um determinado período”. Ao longo das entrevistas os trabalhos mais citados formam: cuidar e/ou lavar carros; vender doces no semáforo; fazer e vender artesanato; trabalhar temporariamente como pedreiro, pintor ou jardineiro.

Minha entrevista com Pedro teve um caminho bem distinto do meu encontro com Guto. Em uma sala ampla usada para atividade recreativas ou educativas no Centro POP, conversei com Pedro que estava aguardando a assistente social do Centro POP liberar sua passagem para voltar à Tocantins, estado onde nasceu. Ele estava agitado e parecia um pouco aflito, não quer mais ficar em Joinville. *“Saí de Tocantins e fui pra São Paulo conseguir um emprego que me pagasse melhor. E consegui, mas fui demitido. Um camarada falou que vinha pro sul trabalhar e resolvi tentar a sorte com ele e vim. Ele conseguiu, mas eu não tive a mesma sorte. Fiquei 15 dias em Florianópolis e não vi uma praia, só procurei emprego e não achei. Resolvi tentar aqui em Joinville, mas também não consegui. Eu tô nessa situação de rua, mas é situação mesmo. Passei muita dificuldade: sem emprego, sem comida e sem ter onde dormir. Tive que aprender a me virar, mas não quero viver desse jeito não. O jeito é voltar pra casa do meu irmão. Vou embora e não volto mais pro sul. Essa cidade não tem estrutura pra receber quem vem de fora. Quero trabalhar, moça, é só isso que eu quero”*. Naquele dia, Pedro embarcou em um ônibus rumo ao seu estado natal para um novo começo longe das ruas.

Também conversei com Seu Joaquim que também veio em busca de trabalho. Natural do Ceará, já percorreu o Brasil inteiro: *“difícil um canto desse mundão que não fui, conheço todos os estados brasileiros, acredita?”*. Entre suas andanças, ele já passou por Florianópolis onde ajudou a soldar a passarela na Avenida da Saudade – que dá acesso à rodovia SC-401 que leva para o norte da Ilha. *“Eu sou soldador, tenho orgulho do que faço sabe? Cada um é bom em uma coisa e tem que fazer aquilo que sabe. Já pensou se todo mundo fosse bom com medicina, só teria médico e mais nada! Eu sei soldar e já ajudei a construir muita coisa fazendo solda”*. Com sua voz tranquila e sotaque nordestino forte, conta que já tem uma entrevista de emprego marcada na semana seguinte, mas que até lá vai ficar na casa de passagem Marta e Maria. Me

despeço lhe desejando boa sorte. Não vi mais Seu Joaquim e não sei se conseguiu o emprego, mas com tantas andanças Seu Joaquim é um geógrafo nato.

Caminhar

Uma das vantagens de frequentar o Centro POP é que a instituição fornece o material básico de higiene pessoal e recebe doações de roupas, calçados, cobertores e mochilas que são repassadas aos usuários. *“Isso que é o bom daqui. A gente sempre ganha roupa, sabonete e barbeador novinhos. Só o banho que é gelado”* comenta Celso, que numa manhã chega para tomar café da manhã no Centro POP reclamando dos chinelos: *“gasto um chinelo inteiro em duas semanas, só caminhando, já vou ter que pedir outro”*. Em seguida um dos educadores lhe entrega um par de chinelos novos. Enquanto algumas pessoas levam uma vida inteira para gastar um pouco de solado dos seus chinelos – a autora está inclusa nessa parcela – moradores de rua os gastam em questão de dias.

Caminhar é um ato primordial aos habitantes de rua. Os pés são fundamentalmente o meio de locomoção para buscar comida, água, algum entorpecente, arranjar abrigo ou socializar. Mesmo aqueles que possuem bicicleta, em alguns momentos fazem percursos de caminhada. Os pés são o fragmento do corpo que constituem “a base da sobrevivência e que afirma a situação itinerante desse segmento, os pés comunicam e realizam as práticas e as significações sociais produzidas nessas apropriações do espaço urbano” (FRANGELLA, 2009, p. 105).

Aprendizagens

Os processos de educação que se passam na rua se movimentam em constância com o instinto mais primitivo de um ser vivo: sobreviver, manter-se vivo. Conversei com sujeitos que se adaptaram a esses processos e que preferem viver na rua, é uma questão de escolha. Também conversei com indivíduos que a vida os levou para rua, mas estão tentando romper com essa situação. Independente dos motivos, os movimentos de aprendizagem começam da primeira noite dormindo ao relento e seguem produzindo vibrações que o acompanham, mesmo que o sujeito deixe de habitar a rua.

Comer, trabalhar, socializar e buscar abrigo, são formas de aprendizagens da rua adquiridos cotidianamente a partir das contrariedades que esse modo de vida impõe. Trata-se de uma noção de educação, que é distinto do conceito de escolarização³⁶. A primeira surge da capacidade cognitiva e de construção de ferramentas ligadas à vida em sociedade, aspectos exclusivos da espécie humana e fundamentais na construção da cultura. Assim, viver em sociedade implica ser atravessado por situações de educação que envolvem as relações entre sociedade e indivíduo, do indivíduo para com o outro, e do indivíduo com o espaço que habita. Educação é qualquer movimento (do corpo, do pensamento, do espaço) capaz de produzir alguma variação, alguma modificação. Desse modo, a educação e processos educacionais não se limitam ao bem ou mal, tampouco buscam conduzir à um ideal de humano e de sociedade, trata-se simplesmente de processos de modificação (CORRÊA, 2000).

A escolarização, por sua vez, é também educação só que vinculada a objetivos institucionalizados, cuja finalidade é a uniformização do indivíduo e, por consequência, da sociedade. A escola opera como máquina ou aparelho subordinado ao poder em vigência (religioso e/ou político e/ou econômico), e que atua na ‘fabricação’ de indivíduos ideais na lógica desses poderes, resultando numa padronização social. Para que a escolarização exista, ela depende de garantias que lhe confirmam o controle do processo de escolarização: criação de espaços próprios para educação, controle de tempo e frequência, avaliar e certificar, desqualificar outras práticas educacionais, selecionar saberes aos quais lhes confere o caráter de verdade. Qualquer quebra em uma dessas garantias pode inviabilizar completamente o funcionamento da maquinaria escolar, o que acaba por trazer risco às ações do Estado. A escolarização tem como finalidade a formação de cidadãos úteis (ou aquilo que Foucault chamou de corpos-dóceis³⁷), enquanto que a educação não (CORRÊA, 2000).

É preciso então uma educação que nos desperte, que abandone as referências fixas dadas pela informação, que não esteja atada às sequências de conteúdos estabelecidos nem às avaliações que verificam as quantidades de informações adquiridas, mas que possa ser atravessada pelo movimento turbilhonar das forças do mundo (PREVE, 2013, p. 275).

TERRITORIALIDADES NÔMADES

³⁶ Essa noção de escolarização e educação é baseada nos escritos de Guilherme Corrêa (2000).

³⁷ A noção de corpos-dóceis discutida por Foucault está disponível no livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, sobretudo a partir da terceira parte intitulada *Disciplina*.

*Não tive estudo de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.*
[Manoel de Barros – O Andarilho] **Parte IV**

No Centro POP, observada os moradores de rua chegarem para o café da manhã, todos acompanhados de suas inseparáveis mochilas, sacolas ou carrinhos. Estava indo para o refeitório quando ouço Celso falar com Antônio, que carregava uma mochila preta aos farrapos: “*Olha, meu galo tá mal, mas o teu Antônio, tá bem pior!*”. Até esse dia ainda não estava familiarizada com o termo galo usado para designar mochila ou sacola onde carregam seus pertences. Alguns também chamam de galo-de-briga, porque carrega/aguenta de tudo.

Me aproximo de Antônio e pergunto o que aconteceu com sua mochila. “*Roubaram meu galo, fiquei sem. É sacanagem pegar o galo do outro, a gente já não tem nada, o que tem carrega nas costas e aí vem um cara e leva embora? Não dá! Nesse dia fiquei só com a roupa do corpo. Tudo o que preciso tem no galo. Algumas coisas deixo lá no mocó, mas o essencial, aquilo que eu preciso mesmo, tá aqui comigo. Não vou mentir pra ti, roubei sim, precisava das minhas coisas de volta. Arranjei esse galo num lixeiro, depois fui no B. e peguei o que faltava: chocolate, sabonete, canivete e umas coisas pra fazer meu artesanato. Só que me pegaram, viram que eu tava roubando, saí correndo. No meio da confusão machuquei meu braço e tive que largar umas coisas no caminho, mas eles não me pegaram. Agora não posso entrar no B. por um tempo, até os guardas esquecerem da minha cara. No M. também não posso ir, já me pegaram lá também. Mas ficar sem galo não dá, tinha que me virar”.*

Um galo carrega todos os itens indispensáveis para sobrevivência na rua. Para Matias o que não pode faltar são roupas, coruja e um bom garfo, que pode servir como arma se for preciso. Maria diz que não pode faltar um kit de higiene pessoal e toalha. Antônio, isqueiro e um bom alicate. Dona Ana não anda com mochila, mas sempre leva para o Centro POP uma sacola com a muda de roupa que vai usar depois do banho. Seu Chico não tem galo, mas tem um carrinho onde leva um pouco de tudo: material reciclável, um pedaço de lona para fazer abrigos provisórios, roupas, material para artesanato, “*não cabe tudo isso em uma mochila, tem que ser no carrinho mesmo*”.

Mochilas, galos, sacolas ou carrinho, independentemente do tamanho ou do nome, são a materialidade das forças que dão identidade as andanças nômades, tanto nas cidades quanto nas estradas. Segundo Antônio, “*não importa pra onde eu vá, se meu galo estiver comigo me viro com o que tem ali dentro*”. Os galos não levam apenas objetos materiais, em sua bagagem cabem as lembranças e experiências vividas, e é a partir daquilo que carregam (ou que passam a carregar) que conseguem construir um lugar (enquanto espaço vivido e percebido) para si em meio a malha urbana. “Não se compõe o lugar com uma matéria que tem uma forma, ou seja, com linhas duras... ou mesmo com uma forma preenchida de matérias, mas com estas formas e matérias desmanteladas. Há antes o desmonte e o que vai e vem são partículas que giram sem um centro de antemão” (FERRAZ, 2005, p. 38). Para sobrevivência na rua é preciso desmanchar para poder construir algo, bordar no estriado um espaço liso. “É como se o espaço liso se destacasse, saísse de um espaço estriado, mas havendo uma correlação entre ambos, um retomando o outro, este atravessando aquele e, no entanto, persistindo uma diferença complexa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 195).

Outa forma de se compor com o espaço que habitam é através dos mocós, locais escolhidos para dormir ou passar a noite. Visto que podem sofrer algum tipo de agressão enquanto dormem e que correm o risco de serem roubados, habitantes de rua dão preferência para locais que lhes forneça certa segurança, por esse mesmo motivo, não é comum que digam a localização exata dos seus mocós. Matias dorme nos fundos do estacionamento de uma lanchonete, onde tem um vigia a noite e o dono do local autorizou sua permanência. Esses também são os lugares preferidos por Maria, que dorme no guarda-volumes da rodoviária com permissão do guarda. Os mocós podem variar de local constantemente ou acabam se fixando por um tempo, de qualquer modo, a permanência é imprecisa: “*nunca se sabe né? Hoje tenho garantido, mas amanhã pode mudar de gerente o cara me manda embora. Por isso tem que ter sempre tem que ter outro lugar de reserva*”, explica Matias.

Essas ocupações que se passam em uma escala muito reduzida caracterizam aquilo que Marcelo Lopes de Souza (1995, 2006, 2009) chamou de nanoterritórios. Tratam-se de territórios extremamente pequenos, diminutos; cujas fronteiras englobam uma rua ou um trecho de rua, uma praça, a moradia, local de trabalho, entre outros. “É a escala, por excelência, dos oprimidos e de suas táticas, com suas resistências quotidianas inscritas no espaço ou expressas espacialmente” (SOUZA, 2009, p. 67). Normalmente, tal escala não aparece em estudos geográficos – que se

atentam a escalas com maior abrangência –, sendo mais comum encontrá-la em trabalhos etnográficos. Entretanto, essa escala é primordial no estudo com esse segmento social, pois é pertinente a relação entre grupos ou indivíduos que “podem vir a interagir, por um dado momento, esporádica ou regularmente, em um espaço muito pequeno, com consequentes situações de negociação e conflito em torno do desfrute e da apropriação do espaço” (SOUZA, 2006, p. 318).

É sabido que o território é fundamentalmente “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78), mas é importante ressaltar que território e substrato material não são sinônimos. Reduzir o território a um tipo de recorte específico – aquele definido pelo Estado-nação, ou seja, ‘território nacional’ concebido através do seu exército e acesso aos recursos e riquezas de um país – é cair no erro de ‘coisificar’ o território (SOUZA, 2009). “A existência do território é impossível e inconcebível sem o substrato espacial material, [...] ao mesmo tempo, porém, o território não é redutível ao substrato, não devendo ser com ele confundido” (SOUZA, 2009, p. 66).

Tanto mocós quanto outras formas de ocupação do espaço (casas abandonadas, barracas improvisadas, bancos de praça) podem ser considerados formas de resistência, pois os habitantes das ruas se apropriam (ou reapropriam) de espaços públicos e fazem uso como se fosse um espaço privados. Alemão montou sua barraca em cima de uma ponte, nas proximidades das universidades. “*Se eu morasse embaixo da ponte, os ricos daqui iriam fazer igual o Kassab fez em São Paulo, iriam fazer rampas de concreto pra não poder ficar mais. Se eu ficar na calçada, eles fazem canteiro ou colocam grades, como se isso fosse me impedir. Por isso viz a barraca em cima da ponte, aqui é leito do rio, área de marinha, ninguém pode me tirar daqui*”.

Alemão me mostra orgulhoso a estrutura da sua barraca feita de madeira, lona e materiais de plástico. A barraca possui até uma calha para coletar a água da chuva, usada para lavar roupa e tomar banho. Há sete anos Alemão resolveu morar na rua e parar de consumir, não queria mais contribuir para a exploração capitalista. “*Estou totalmente descapitalizado. Eu escolhi essa vida, muitos não escolhem, mas eu quis morar aqui. Hoje estou devidamente adaptado a essa ponte e a morar na rua*”. Alemão se mudou para a ponte onde vive hoje há aproximadamente um ano, neste tempo, ele conta que já teve que resistir a muitas tentativas de tirá-lo dali. “*Quando me mudei isso aqui estava tapado de árvores, minha barraca estava sempre na sombra. Agora você pode ver que cortaram todas as árvores em volta pra tirar minha sombra. Também já apareceu*

gente querendo me mandar embora, mas a ponte é pública, eles não podem me tirar. Não sou criminoso, não podem me prender”.

Observar o que se passa com ‘o mundo da vida’, com o cotidiano dos indivíduos e grupos sociais, sobretudo em uma grande cidade contemporânea e em escala geográfica muito reduzida, [...] nos leva a experimentar, em matéria de ‘campos de força’ do poder especializado – em outras palavras, em matéria de territórios –, realidades espaço-temporais bem diferentes da aparente fixidez das fronteiras estatais” (SOUZA, 2009, p. 67)

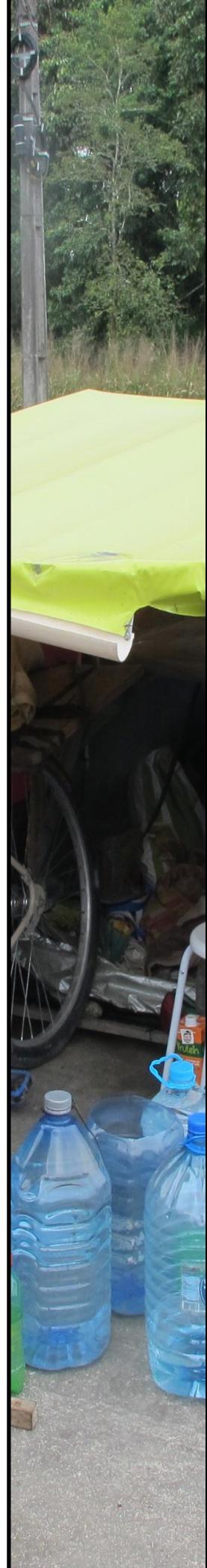
“Fazer um território, fazer uma casa ou um nicho é como eu deixar claro que ali vive alguém, vive alguma coisa” (FERRAZ, 2005, 35). Moradores de rua buscam por brechas na cidade, lugares recônditos, espaços ociosos. Se instalam em lugares destinados à passagem de pessoas e carros. Dormem em calçadas, sob pontes viadutos, marquises. Constroem um lugar próprio, mesmo que provisório, que violam os sentidos impostos pelo planejamento urbano. Fazem de lugares públicos suas instalações domésticas (FRANGELLA, 2009, p. 39).

Os habitantes de rua não são os únicos que traçam linhas nômades na cidade (basta evocar imagens de ciganos e indígenas, por exemplo), mas sua especificidade está em perverter, de forma substancial, as dimensões pública e privada das cidades e de suas vidas. São capazes de produzir cidades nômades na cidade estriada, construindo nanoterritorialidades por onde quer que seus pés os levem. Caminham e subvertem a cidade até que ela se torna apenas um substrato carregado de andanças e errância.

Mas é preciso prosseguir, caminhar um pouco mais, e nos perguntarmos o que acontece quando olhamos a cidade, a Geografia e a Educação desde a tensão entre as práticas/estilos do andarilho/nômade e as coações de que é alvo. Pois é aí, na tensão do embate, que se põe a mostra um modelo de habitar, forçando-nos a aprender, quem sabe, uma mudança de limiar em que a própria Geografia, a cidade e a Educação se perguntam se o que dizem e fazem funciona ou não, em outras palavras, “se ganha vida ou permanece morto” (GUATTARI, 1992, p.178).

ATLAS: CARTOGRAFIAS ANDARILHAS II

[Fotografias-mapas da rua]





FOTOGRAFIA-MAPA 01
Fonte | Carolina Datria Schulze
Casa abandonada | Rua das Palmeiras | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 02
Fonte | Carolina Datria Schulze
Centro POP | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 03
Fonte | Carolina Datria Schulze
Centro POP | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 04
Fonte | Carolina Datria Schulze
Centro POP | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 05
Fonte | Carolina Datria Schulze
Centro POP | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 06
Fonte | Carolina Datria Schulze
Centro POP | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 07
Fonte | Carolina Datria Schulze
Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 08
Fonte | Carolina Datria Schulze
Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 09
Fonte | Carolina Datria Schulze
Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 10
Fonte | Carolina Datria Schulze
Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 11

Fonte | Carolina Datria Schulze

Casa abandonada | Rua das Palmeiras | Joinville-SC



FOTOGRAFIA-MAPA 12

Fonte | Carolina Datria Schulze

Bar e Lanchonete São Paulo | Joinville-SC

EXPERIÊNCIAS DO HABITAR A RUA
[ou considerações para pensar novas andanças]



A ANDANÇA NÃO CONHECE PONTOS FINAIS

Compor é como fazer uma casa. É desenhar um lugar. Os elementos para esta operação, cada um os toma de um canto. [...] É como desenhar um espaço físico, como demarcar um território, um nicho. Algumas folhas são reviradas, alguns gravetos são quebrados, faz-se xixi em alguns cantos, espalha-se um cheiro pelas bordas do lugar, descascam-se algumas árvores, desfolha-se alguns galhos, cavam-se alguns buracos.

(Silvio Ferraz – Livro das sonoridades)

Incontestavelmente, os indivíduos que compõem o segmento social dos habitantes de rua estão inseridos em condições socialmente e politicamente estabelecidas que lhes escapa ao controle, mas que são combatidas a partir das suas composições com o espaço que habitam. Através de suas práticas de sobrevivência, resistem e combatem as forças que os repelem. “Combate sem trégua, sem objetivo, sem território a conquistar, movidos apenas pela luta em si, por um fazer e desfazer de si e do outro. Dominados sim, não passivos ou dóceis [...]” (BROGNOLI, 1996, p. 122). Lembrando as palavras de um dos entrevistados: “*a rua para mim foi uma escola*”. Desmanchamos a noção corrente de que só a escola educa, que apenas em um contexto de escolarização é possível falar em educação. Ele tomou como escola, mas no interior desse trabalho lidamos com uma noção de educação relacionada com processos de modificação, capazes de criar variações no espaço estriado das cidades.

Habitantes de rua moldam seus corpos e territorialidades a uma geografia urbana que os ampara e os repele. As forças do discurso do bem e do mal não são ingênuas, produzem efeitos concretos que jogam à margem tudo aquilo que é estranho (causador de repulsa ou medo) para sociedade domesticada. A partir de uma geografia composta dos traços errantes da rua, buscou-se mostrar esses territórios marginais que só aparecem em escala muito específica.

A intensão não é transformar habitantes das ruas em ‘heróis revolucionários’, mas sim, de fazer ver e fazer ouvir, sem pré-julgamentos. Quando ouvimos o que essas vozes têm para dizer, elas criam ranhuras numa noção já cristalizada, na Geografia e na Educação, do que é compor-se no espaço. Em meio as rachaduras surgem transbordamentos, zonas de turbulência; “momentos em que o ouvinte e o compositor, e, por que não, também o intérprete, se vê atraído por mais de uma força, por mais de um eixo: harmonia vagante” (FERRAZ, 2005, p.40).

Nesses locais de instabilidade, encontramos a possibilidade de uma outra cartografia, que dá origem a mapas nada representacionais, constituída precisamente por topografias de forças invisíveis e que trazem em suas linhas adensamentos de vida. Aqui o ato de cartografar “não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (ROLNIK, 2007, p. 66). Ao cartógrafo andaleço, neste caso, cabe criar uma língua capaz de expressar os afetos que pedem passagem, e para tanto se exige que ele mergulhe nas intensidades e composições dos novos lugares ocupados.

É a força de construir para si uma casa com rejeitos urbanos que faz com que habitantes de rua não se diferenciem do território que recortam para si, da casa que montam, das marcas expressivas que constituem sua assinatura no mundo e que inventam desafiando o possível para viver, mover-se, combater. Em meio aos restos, iniciam um novo ciclo de combinações com os materiais descartados que recolhem ao andar pela rua. A sobreposição das várias cidades que existem em um mesmo espaço urbano, deu para a rua (a minha rua) e a cidade outros traços e cores. Impossível passar ao lado de uma ponte, de uma marquise... sem olhar de outro modo, sem ver ali uma possível morada.

A pesquisadora, enquanto cartógrafa andaleça, se transforma no processo de pesquisa, sendo inexecutável voltar a ser o que era antes da andança iniciar. “A viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir com vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume” (ONFRAY, 2009, p.49). Depois que os sentidos se expandem – ao longo da viagem, da pesquisa, da vida – impossível voltar atrás. Essas mudanças põem em movimento algo que por vezes a Geografia enjaula numa única questão, abreviando os sentidos do espaço, do lugar, da vida.

“Toda obra nunca está acabada, mesmo quando o artista a dá por ‘pronta’. De um modo ou de outro, toda unidade é sempre provisória e por isso as explicações gaguejam e criam estranhamentos em sua própria linguagem” (ZORDAN, 2014, p. 123). A andança não se esgota pois ela é capaz de produzir vibrações que nos acompanham sempre que nos dispusermos a olhar outras formas de se compor com a cidade.

Saber-se nômade uma vez é o que basta para nos convencer de que tornaremos a partir, de que a recente viagem não será a última. A menos que a morte aproveite um trajeto para nos recolher... A paixão de uma viagem não abandona o corpo de quem

experimentou os venenos violentos do despaisamento, do corpo ampliado, da solidão existencial, da metafísica da alteridade, da estética encarnada (ONFRAY, 2009, p.109).

Este é apenas um ponto de parada da minha andança errante, que reúne os transbordamentos até aqui, mas que deve ser abandonado para que outros atravessamentos se passem. Como cartógrafa, andaleça devo seguir até que não existam mais caminhos possíveis, até que o caminhar exaustivo desconstrua tudo o que fora trilhado até então para que, enfim, possa fazer surgir outros percursos (in)imagináveis. É preciso seguir pelas linhas de topografias invisíveis que escrevem e reescrevem em nós nossas experiências de vida. Porque escrever é reinventar a própria vida.

GLOSSÁRIO

- A** *Acharcar* – Ato de contar uma história para ganhar dinheiro.
 Adianto (fazer um) – Roubar.
- B** *Bloco* – Pedra inteira de *crack*
- C** *Cascuda* – Recipiente usado para comer e/ou carregar comida.
 Camelar – Andar a pé
 Coruja – Cueca (com origem no presídio).
- E** *Espeto* – Arma feita de forma artesanal (com origem no presídio).
- F** *Filmar* – observar algo ou alguém, geralmente sem ser notado
 Fuzil – Cachimbo usado para fumar crack
- G** *Galo* – Mochila ou sacola para carregar os pertences.
 Goró – Cachaça. Bebida alcóolica.
- J** *Jéga* – Cama.
- L** *Lojinha* (trabalhar na, fazer uma) – Venda ou repasse de droga.
- M** *Mangueio* – O mesmo que acharque
 Mocó – Lugar para dormir ou se abrigar do tempo.
- P** *Pancadão* – Cocaína diluída ou outra droga injetável. Pode ser um ‘coquetel’ de diversas drogas.
 Puxar cadeia – Cumprir pena em presídio.
- R** *Rato de mocó* – Ladrão de cela (com origem no presídio). Na rua é usada para designar um morador de rua não confiável, que rouba outros moradores de rua.
- Q** *Queimar pedra* – Fazer uso do *crack*
- T** *Trago* – Uma dose de crack

Nota de esclarecimento: Nem todas as palavras foram utilizadas ao longo do trabalho, mas todas foram mencionadas pelos entrevistados

LISTA DE SIGLAS

Centro POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua de Joinville

FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

HCTP – Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

SAS – Secretaria de Assistência Social de Joinville

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Painelinhos do Seu Chico	p. 69
Imagem 02 – Artesanato do Antônio	p. 69
Desenho-mapa 01	p. 45
Desenho-mapa 02	p. 46
Desenho-mapa 03	p. 47
Desenho-mapa 04	p. 48
Desenho-mapa 05	p. 49
Desenho-mapa 06	p. 50
Desenho-mapa 07	p. 51
Desenho-mapa 08	p. 52
Desenho-mapa 09	p. 53
Desenho-mapa 10	p. 54
Fotografia-mapa 01	p. 78
Fotografia-mapa 02	p. 79
Fotografia-mapa 03	p. 80
Fotografia-mapa 04	p. 81
Fotografia-mapa 05	p. 82
Fotografia-mapa 06	p. 83
Fotografia-mapa 07	p. 84
Fotografia-mapa 08	p. 85
Fotografia-mapa 09	p. 86
Fotografia-mapa 10	p. 87
Fotografia-mapa 11	p. 88
Fotografia-mapa 12	p. 89

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. São Paulo: Editora Record, 1996

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BROGNOLI, F. F. **Trecheiros e Pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 1996.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORRÊA, Guilherme C. O que é a escola? In: PEY, Maria Oly. **Esboço para uma história da escola no Brasil**: algumas reflexões libertárias. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FRANGELLA, Simone M. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

FERRAZ, Sílvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** – um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GIRARDI, Gisele. Política e potência das imagens cartográficas na geografia. In: **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 69-85.

_____. Entre obras de arte e cartografia geográfica: intercessores. In: **Anais XIV Colóquio Ibérico de Geografia**. Universidade do Minho. Portugal, 2014.

_____. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-Prosições**. Campinas, v. 20, n° 3(60), 2009. p. – 147-157.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: Notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 209–234.

GODOY, Ana; GUIMARÃES, Leandro B.; REIGOTA, Marcos. Educação Ambiental: um prólogo e três episódios de re(existência). In: BERINO, Aristóteles; SOARES, Conceição. (Org.). **Educação e imagens**: instituições escolares, mídias e contemporaneidade. Petrópolis - Rio de Janeiro: DPetAlli - FAPERJ, 2010, p. 165-182.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção Educação: experiência e sentido, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. In: **Revista Geografafares**, nº12, p. 01-49, 2012.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PREVE, Ana Maria H. **Mapas, Prisões e Fugas**: cartografias intensivas em educação. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

_____. Perder-se: Experiência e aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (orgs.). **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 257–277.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHULZE, Carolina D.; PREVE, Ana Maria H. Experimentações em educação e geografia: sabedorias de rua. In: **Anais III Colóquio Internacional A educação pelas imagens e suas geografias**, Vitória/ES, 2013.

_____. Cartografando moradas de rua: mapas preliminares de uma cidade que não se vê. **Revista Geografafares**, edição especial, p. 163-181, 2014.

SOUZA, Marcelo L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular/ Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP, 2009. p. 57-72.

_____. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Anotações sobre a escrita. In: Oliveira, A.; Araújo, E.; Bianchetti, L. (Org.). **Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e a orientação**. CESC – Universidade do Minho, 2014. eBook. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/151> Acesso em: maio 2015.

ZORDAN, Paola. Das maneiras de se escrever uma pesquisa. In: **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 7, n. 2, p. 117-130, 2014.

Reportagens, Notícias e Cartilhas

Casa pega fogo na rua das Palmeiras, no Centro de Joinville. **Jornal A Notícia**. Publicado em: 18 fev. 2010. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2010/02/casa-pega-fogo-na-rua-das-palmeiras-no-centro-de-joinville-2813341.html>> Acesso em: abril de 2015.

Censo da população em situação de rua da cidade de São Paulo, 2015: Resultados. **Prefeitura Municipal de São Paulo**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/observatorio_social/2015/censo/FIPE_smads_CENSO_2015_coletivafinal.pdf> Acesso em: junho de 2015

IBGE apresenta resultado de pesquisa experimental sobre população em situação de rua. **Secretaria de Direitos Humanos**. Publicado em: 31 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2014/julho/ibge-apresenta-resultado-de-pesquisa-experimental-sobre-populacao-em-situacao-de-rua#portal-top>> Acesso em: maio de 2015.

Inaugurado com festa o novo paisagismo da Rua das Palmeiras em Joinville. **Jornal A Notícia**. Publicado em 05 jul. 2012. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2012/07/inaugurado-com-festa-o-novo-paisagismo-da-rua-das-palmeiras-em-joinville-3812661.html>> Acesso em: abril de 2015.

Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria Nacional de Assistência Social**. Volume 2. Brasília, 2011.

Prefeitura de São Paulo contrata moradores de rua como pesquisadores. **Portal Post**. Publicado em 06 de jun. 2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/06/06/moradores-de-rua-pesquisa_n_7525426.html?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004> Acesso em: junho de 2015.

Especial Crack Nem Pensar. **Portal ClicRBS** Publicado em 24 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&espid=164&action=noticias&id=2556546>> Acesso em: abril de 2015.

Sumário Executivo – Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Publicado em: abril 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf> Acesso em: maio 2015.

Todas as faces da Rua das Palmeiras. **Portal Joinville**. Publicado em 03 abr. 2012. Disponível em: <<http://portaljoinville.com.br/noticias/2012/04/todas-as-faces-da-rua-das-palmeiras>> Acesso em: abril de 2015.

Filmografia

BOAS, Thiago V. **Casa de cachorro** – um documentário com os moradores do viaduto da Ceagesp [Filme-documentário] Direção e pesquisa: Thiago Villas Boas. Produção: Maria Farkas. Brasil, ECA-USP, 2001. 28min. Color.

GUIMARÃES, Cao. **Andarilho** [Filme-documentário] Direção: Cao Guimarães. Brasil, 2007. 80min. Color.

Entrevistas

ANDES. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadoras: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

ANDALEÇO. Depoimento [Maio, 2012]. Entrevistadora: Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

CHARLES. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadoras: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

FORASTEIRO. Depoimento [Maio, 2012]. Entrevistadora: Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

GRINGO. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadores: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: Complexo Penitenciário, 2012. Áudio digital.

PARDAL. Depoimento [Maio, 2012]. Entrevistadora: Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

XUXA. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadoras: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

EDUCADORAS DO CENTRO POP [Março, 2015]. Entrevistadora: Carolina D. Schulze. Joinville, SC: Centro POP, 2015. Áudio digital.

DANIEL [Março, 2015]. Entrevistadora: Carolina D. Schulze. Joinville, SC. 2015. Áudio digital.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCRARESCIMENTO I

Meu nome é Carolina Schulze, sou acadêmica do curso de geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação/UEDESC, estou realizando um estudo sobre pessoas em situação de rua e para isso necessário realizar entrevistas com pessoas que se encontram nesta situação.

Conto com a sua colaboração, mas antes de aceitar participar desse estudo é preciso esclarecer alguns pontos importantes:

1. O(a) senhor(a) responderá questões relacionadas a sua vida nas ruas e/ou estradas;
2. Esta entrevista deverá durar aproximadamente entre 30 - 60 minutos;
3. Todas as informações que o senhor(a) apresentar serão mantidas em sigilo, sendo que serão utilizadas apenas neste estudo;
4. Não será possível identifica-lo, seu nome será substituído por um fictício ou, se preferir, pode escolher um apelido;
5. Não há riscos significativos em participar deste estudo;
6. Você estará livre para desistir da participação em qualquer momento da entrevista; Sua participação deverá ser voluntária, sem que tenha ocorrido nenhum tipo de pressão.

Considerando as questões acima:

Eu, _____ aceito participar deste estudo sendo que minha participação é inteiramente voluntária e estou livre em qualquer momento para desistir da participação na entrevista, sem nenhum prejuízo para mim.

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Data: ____/____/2015 Local: _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO II

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada Geografias da rua: processo de ocupação da cidade por andarilhos e moradores de rua, vinculada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação - UDESC. O objetivo principal da pesquisa é evidenciar os territórios criados por sujeitos em situação de rua dentro do espaço urbano.

Contamos com a sua colaboração para uma breve entrevista sobre informações e dados das instituições municipais sobre os sujeitos que se encontram em situação de rua.

A entrevista será gravada e terá duração aproximada de trinta minutos. O(a) senhor(a) é livre para não responder perguntas e para desistir da entrevista quando quiser. As informações serão mantidas em sigilo, sendo que serão utilizadas apenas para esse estudo. Seu nome também será mantido em anonimato. Este estudo não apresenta riscos significativos.

A acadêmica responsável (eu, Carolina Datria Schulze) e a professora orientadora (Ana Maria Hoepers Preve) serão as únicas pessoas com acesso as informações fornecidas de forma integral. Agradecemos a sua participação.

Contato das Pesquisadoras:

Carolina: datriacarol@gmail.com | Ana: anamariapreve@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____
aceito participar deste estudo sendo que minha participação é voluntária e estou livre em qualquer momento para desistir da participação da entrevista, sem nenhum prejuízo para mim.

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Assinatura da(s) pesquisadora(s): _____

Local: _____ Data: ____/____/2015

ANEXOS

Instituição ou Normativa	Descrição	Fonte
Secretaria de Assistência Social (SAS)	Em termos gerais, a SAS é a instituição responsável por operacionalizar a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) no município, por meio do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)	https://www.joinville.sc.gov.br/contento/35-Assist%C3%A2ncia+Social.html
Sistemas Único de Assistência Social (SUAS)	Sistema público que organiza, de forma descentralizada, os serviços socioassistenciais no Brasil. O SUAS organiza as ações da assistência social em dois tipos de proteção social. A primeira é a Proteção Social Básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. A segunda é a Proteção Social Especial, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos.	http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas
Política Nacional de Assistência Social (PNAS)	É uma política que junto com as políticas setoriais, considera as desigualdades socioterritoriais, visando seu enfrentamento, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender à sociedade e à universalização dos direitos sociais. A PNAS (2004) reconheceu a atenção à população em situação de rua, “no caso da proteção social especial, à população em situação de rua serão priorizados os serviços que possibilitem a organização de um novo projeto de vida, visando criar condições para adquirirem referências na sociedade brasileira, enquanto sujeitos de direitos” (p.37)	http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/assistencia-social/usuario/pnas-politica-nacional-de-assistencia-social-institucional http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/centro-pop-centro-de-referencia-especializado-para-populacao-em-situacao-de-rua/centro-pop-institucional
Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009	Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm

Tabela organizada por: Carolina Datria Schulze